novas da galiza

número 169
Julho Agosto 2018
3 euros

acontece
O Quilombo projeta abrir centro social em Ponte Vedra 5

direitos
Mobilizaçons na CRTVG contra a manipulaçom 12

a terra treme
Gustavo Castro e as luitas polo território 15

6-11

Turismo sem fim

Junta quer atingir os seis milhons de visitas em 2020, objetivo para o qual programou 240 milhons de euros dentro da Estratégia 2020 para o Turismo publicada no passado ano. Um dos pontos de interesse da Junta é o Caminho de Santiago, enquanto na capital do país está a padecer-se umha sobrecarga turística no seu casco histórico. Além disso, a turistificaçom nalguns concelhos da costa deixou especulaçom urbanística e alta dependência da hotelaria.

A TERRA TREME / **18**

Astúrias: a batalha pola oficialidade da língua

No passado 21 de abril umha manifestaçom multitudinária enchia as ruas de Oviedo em favor da oficialidade da língua asturiana e do galego-asturiano. Por vez primeira desde 1976 umha delegaçom oficial da Federaçom Socialista Asturiana acudia a umha mobilizaçom com esta reivindicaçom. O recente apoio público mostrado por esta formaçom política -tradicionalmente a força mais votada nas Astúrias- perante a oficialidade abre novas possibilidades a esta demanda, ficando apenas o PP na contra da normalizaçom da língua asturiana.

CONSELHO DE REDAÇOM/ Aarón L. Rivas, Alba Moledo, Ana Viqueira, Charo Lopes, Maria Álvares, Maria Rodinho, Raul Rios, Xian Naia S., Xoán R. Sampedro

ECONOMIA/ Raul Rios
OS PES NA TERRA/ Aarón L. Rivas
CORPOS/ Ana Viqueira
O BOM VIVER/ Conselho de Redaçom

CORREÇOM LINGÜÍSTICA/ Xian Naia S., Fernando V. Corredoira, Vichu García Torea, Rosa Casais, André Taboada Casteleiro
MAQUETAÇOM/ Novas da Galiza
COORDENAÇOM DE IMAGEM/ Charo Lopes
ADMINISTRAÇOM/ Miguel Valcarcel

COLABORAM NESTE NÚMERO/ Bernardo Máiz, adiante.gal, Beatriz Bieites, Ena Barbazán, Damián Barreiro, Zélia Garcia, Jeane Costa, Iñaki López, Tiago Fróis, Héctor Barandela

FECHO DE EDIÇOM 23/07/2018

EDITA/
Asociaçom Cultural Minho Media

SUBSCRIÇONS/
assinantes@novas.gal

Os conteúdos deste jornal som de livre reproduçom, sempre que se citar procedência e se respeitar a opçom normativa

DEPÓSITO LEGAL / C-1250-02

VOLTAMOS EM SETEMBRO!
A equipe do Conselho de Redaçom aproveita o mês de agosto para tomar um respiro e voltar com energias. Bom verao para todas!

EDITORIAL / Arredor do turismo

Administraçons, estabelecimentos hoteleiros e demais sectores interessados no turismo nom querem já que este fique apenas como umha experiência estival. Nos últimos anos comecárom a surgir vozes que reclamam umha 'desestacionalizaçom' do turismo, já for como alternativa a um turismo concentrado nuns lugares e tempos determinados ou como umha forma de ampliar ao longo do ano umha série de negócios que com a queda das folhas tem que fechar as suas portas.

Seja qual for o motivo, termos como 'desestacionalizaçom' nom questionam as transformaçons e as exclusons que a chegada maciça de turistas estám a provocar, aceitando assim que a indústria turística é um piar fundamental na vida do lugar. Entre os efeitos podem contar-se a exclusom de comércios e formas de vida locais, a desapariçom da língua galega do espaço público, a especulaçom urbanística ou a dependência económica de um sector como o da hotelaria, com altas taxas de precariedade e discriminaçom por género.

Outro efeito é a mercantilizaçom, cada vez maior das nossas vidas e os nossos espaços. Um exemplo disto som plataformas como AirBnB, através das quais podemos pôr os nossos quartos e as nossas cozinhas à disposiçom da indústria turística. Há uns anos estas plataformas pretendiam fazer-se ver como iniciativas de umha economia colaborativa mas o passo de tempo desvendou-nas como um movimento do próprio mercado imobiliário para incrementar a capacidade de alojamento com o que dar resposta a umha demanda turística que se encontra atingindo máximos históricos.

Mas, como todo, dos movimentos sociais e o ativismo também se nos fam presentes as contradiçons, especialmente no caso dumha indústria como a turística da qual podemos estar a formar parte nos nossos tempos de lazer. É possível realizar viagens sem cairmos no caráter consumista do turismo? Quando vamos a um lugar somos cientes do impactos que tenhem as nossas visitas e pensamos em como minimizá-las? Comportamo-nos como turistas quando visitamos concelhos ou bairros vizinhos? Talvez haja que tentar que a consciência social e ecológica nunca marche de férias.

alto falante

altofalante@novas.gal

A mocidade a construir República

Mais um ano, a mocidade galega volvemos sair à rua o 24 de julho para exigir aquilo que é nosso, o direito a umha vida digna na sua terra. Um direito que vemos negado dia trás dia por um Estado espanhol a cada vez mais autoritário, que trata este recanto que é o nosso país como umha colónia: encoros para produzir eletricidade que nom pagam e praias para um turismo que gentrifica as nossas vilas e cidades. Um Estado espanhol que conta com a absoluta cumplicidade dum governo galego que, longe de defender os interesses galegos, aplica políticas que condenam a mocidade à emigraçom e à precariedade.

Desde o começo da crise, 234.740 pessoas marchárom do país, das quais quase 115.000 fôrom jovens. A emigraçom bate na mocidade muito mais forte do que em qualquer outro coletivo, e vemo-nos obrigadas a marcharmos do país, como já figérom os nossos avós e avoas, as nossas nais e os nossos pais, na procura dum futuro que aqui se presenta impossível.

A outra cara da moeda som a precariedade e o desemprego. As moças galegas passamos de ser mais dum 35% da populaçom ativa a representarmos apenas 24%. Mais do 95% dos empregos criados na Galiza em 2016 fôrom temporais, e todas conhecemos a realidade das ETT, empresas com fundos abutres que jogam com a nossa necessidade e oferecem soldos inferiores ao SMI. Isto fijo com que a fenda salarial entre a mocidade e o resto da populaçom aumentasse durante estes anos, chegando a atingir quase 40%. (...)

As moças somos o motor dum futuro que o capitalismo e o patriarcado nos nega. O difícil que temos aceder aos nossos estudos e a incerteza que se presenta quando logramos acabá-los destrói o desenvolvimento normal da nossa geraçom. Devemos luitar para nom termos que aceitar resignadamente o que nos vem dado, devemos mudar o rumo que traçárom para nós quem vivem do trabalho das obreiras. Para rematarmos com esta realidade, as moças galegas sabemos que nom chega com umha reforma dum regime podre e herdeiro do fascismo. Necessitamos umha rutura com este Estado cárcere de povos, que encadeia e dispersa a quem luitam pola liberdade, que silencia a quem pensamos diferente e persegue a quem nos organizamos nos bairros e nos centros sociais.

Para sermos ceives, como classe e como povo: República Galega!

Mocidade pola independência /

A primeira descoberta (1910-1928)

BERNARDO MÁIZ

Nom somos alheios ao lugar em que medramos, a característica principal de Ferrolterra, para além da forte pegada militar-naval, é levar virada para a esquerda quase dous séculos, consequência do contingente proletário dos Arsenais e do cosmopolitismo próprio da fluência das comunicaçons marítimas. Desde 1856 o republicanismo, desde 1868 o socialismo, especialmente o sindicalismo desde 1871, pouco depois o agrarismo na bisbarra (a sociedade agrária de Cervás, Ares, foi a decana das da província da Corunha), ganhárom presença em toda a área, conquistando o Partido Socialista em 1905 um concelheiro em Ferrol, dos três obtidos polo PSOE em todo o estado espanhol.

Nos anos de infância de Ricardo Carvalho Calero, o regionalismo galego mudara a sua projeçom pública. Ainda no início do século XX, a concepçom da galeguidade costumava limitar-se ao paisagístico, arqueológico, lírico e folclórico, representado em Ferrolterra por meritórios artigos em prensa de Manuel Comellas, Aurelio Ribalta, Rodrigo Sánz, Emiliano Balás..., as mais das vezes, em espanhol. Bem mais sucesso na creaçom de consciência de nós apreciamos no labor do coro Toxos e Froles (fundado no 1914), nas pequenas e celebradas peças teatrais costumistas em galego de Eugenio Charlón e Manuel Sánchez Hermida e nos contactos de Rodrigo Sanz com o agrarismo, achega que calhou na experiência política de *Solidaridad Gallega* (conjunçom de republicanos, carlistas, galeguistas e agraristas), que obtivo representaçom em Ferrolterra (Neda, Ares, Mugardos) nas eleçons municipais de 1909 a 1912, até que rompeu comesta por arrivismos, caciquismos e manipulaçom dos grandes partidos no sistema da Restauraçom.

A característica principal de Ferrolterra, para além da forte pegada militar-naval, é levar virada para a esquerda quase dous séculos

Em 1916, nasceu na Corunha o senlheiro fenómeno das Irmandades da Fala, as de Ferrol em 1917. Nesta estavam, com outros, Xaime Quinta-

(continua na página a seguir)

opiniom

(vem da página anterior)

nilla, Juan García Niebla, Fernández Barreiro, Horacio Fernández, Comellas Coimbra, Cabo Pastor, o citado Eugenio Charlón Árias e outros. Definidas as Irmandades como nacionalistas na Assembleia de Lugo de 1918, oscilárom nos anos seguintes num difícil equilíbrio entre os tradicionalistas como Risco e os progressistas como Vilar Ponte, visitante habitual das sociedades de Ferrolterra e colaborador de Xaime Quintanilla na editorial Céltiga (editora criada em 1921 e desaparecida em 1923).

Fôrom perseguidos os galeguistas de 1923 a 1930, tempo do governo ditatorial do general Primo de Rivera? Sim, no âmbito político depois de 1925, com proibiçom de certas atividades de propaganda, censura de publicaçons, mais pouco percetíveis noutros eidos, nomeadamente nos folclóricos e culturais: as gaitas soavam nas romarias, a letra íntegra do *Hino Galego* estava impressa nos programas e cartazes de moitas festas patronais e foi esta a época em que o galeguismo das Irmandades derivou no Seminário de Estudos Galegos (1923), o tempo da brilhante Geraçom Nós, onde participavam nom só literatos ou arqueólogos, mas outros que, na sua condiçom de estudiosos e divulgadores científicos, teimavam polo despertar político da Galiza. Por certo, em 1929 a partir dumha proposta do próprio ditador, entrárom na RAE escritores de obras em galego, catalám e basco, no caso galego, Cotarelo Valledor e Ramón Cabanillas.

> *Ricardo Carvalho desde 1926 foi participante ativo no 'Centro Obrero de Cultura', sobressaindo umha sua conferência o dia 13 de julho de 1928 intitulada 'Las ideas comunistas de Platón'*

Em Ferrol, paralisado o velho Ateneo em 1917, destacavam as atividades do *Centro Obrero de Cultura*, fundado em 1913, com magnífica biblioteca, cursos e ciclos de conferencias. Precisamente, Ricardo Carvalho, nado no ano 1910, desde 1926 foi participante ativo no Centro, sobressaindo umha sua conferência o dia 13 de julho de 1928, intitulada *Las ideas comunistas de Platón*, que, editada em folheto e prologada por Joaquín Vázquez Galán, presidente do *Centro Obrero* e militante socialista, foi seguramente a sua primeira publicaçom ensaística.

Naqueles intres, Carvalho tinha só 18 anos e umha grande formaçom no tratamento do tema. Para conhecer a sua ideologia, basta ler o final do estudo, onde di: "*Para terminar (...) hacer votos porque la gran obra socialista, bloque ingente en el que han puesto sus manos de colosos Platón, Marx y Lenin (...) llegue a imponerse a todas las conciencias. (...) El día que aquello suceda podremos saludar jubilosos la llegada de un alba nueva que inaugurará una nueva etapa social en la que, bajo la égida augusta del trabajo, los gloriosos principios de Libertad y de Igualdad brillarán verdaderos y esplendorosos, fundidos en una síntesis superior de Justicia*".

Quem estudou a obra e a vida de Ricardo Carvalho Calero detivo-se no seu forte compromisso com a Galiza, na sua obra de criaçom literária, no seu labor de investigador, mas este aspeto que venho de sublinhar, a sua ética pessoal e a sua ideologia de amante da liberdade e da igualdade, princípios que impregnam o galeguismo de Carvalho e que -obviamente- alicerçam a vida e obra dumha pessoa, apenas foi citado (e ainda menos estudado) por quem analisou a obra literária, ensaística, linguística de Carvalho Calero. Digo eu que, como acontece com o poemário *Trinitarias* (1928), essa ignorância será por ser obra juvenil ou por estar escrito em espanhol.

Bernardo Máiz é historiador.

Este artigo foi publicado em **adiante.gal**, no marco da iniciativa 'O 17 é dia de Carvalho Calero' com a que cada mês se pretende promocionar a figura deste filólogo.

NUTRIMOS AS TÚAS IDEAS!
audiovisual | fotografía | animación | deseño | formación
www.illabufarda.gal | info@illabufarda.gal
ILLA BUFARDA

redaçom
conselho@novas.gal

O Quilombo chegou a Ponte Vedra com o objetivo de abrir um centro social na cidade do Lérez. Esta associaçom deu-se a conhecer por volta do 25 de abril, data da Revoluçom dos Cravos, umha lembrança com a que, polo seu significado antifascista, quigérom iniciar a sua andaina. Até hoje, fôrom realizando atividades em diferentes pontos da cidade, como a projeçom 'O canteiro de Sebil' ou o passeio das ervas de Sam Joám, com o que também denunciaram as restriçons municipais a esta festa popular.

"As mudanças reais encetam-se a partir de abaixo, **do local**"

Quais som as caraterísticas dos movimentos associativos da cidade de Ponte Vedra? O que trai de novo O Quilombo para estes movimentos?

Ponte Vedra tem umha presença variada de organizaçons e coletivos, ainda que estes nom tenhem a mesma força nem a mesma combatividade do que noutras cidades. Destacam a luita contra a fábrica de ENCE —coa Associaçom pola Defensa da Ria à cabeça— e o movimento antitouradas —Touradas fora de Ponte Vedra—. Achamos, que, em certa medida, o movimento de base viu-se institucionalizado e minimizado com a chegada do BNG ao Concelho. Nós queremos construir desde a base, colaborando com os movimentos populares e com as associaçons, coordenando-nos e estendendo as ilusons e os objetivos de progresso social.

Tendes projetada a abertura de um centro social na cidade, por que um espaço assim?

Empregaremos o centro social para oferecer conteúdos culturais, sociais e políticos que muitas vezes nom som oferecidos noutros espaços. O local garantiria-nos a autonomia do projeto cultural. Aliás, serviria de base para o movimento popular de Ponte Vedra e de ponto de encontro para quem desejar mudar a cidade, o país e o mundo.

Quanto à abertura, agora mesmo estamos centradas na procura dum local e em garantir um número de sócias que nos permita poder tratar das despesas que um aluguer acarreta.

"Achamos que umha ferramenta plural e versátil como o centro social é mui útil, pois permite trabalhar e coordenar diferentes luitas que se encontram nas ruas a diário"

Entre os vossos objetivos encontram-se a luita contra o patriarcado e a reivindaçom da autodeterminaçom para a Galiza, que passos achades que podem ser dados a partir do local para avançar nestas luitas?

As mudanças reais é a partir de abaixo, do local, que se encetam. Só um povo auto-organizado tem poder e capacidade de defender e de avançar na conquista dos seus direitos. Som multitude as atividades e formas de chegar às nossas vizinhas. Sem descartar nada, achamos que umha ferramenta plural e versátil como o centro social é mui útil, pois permite trabalhar e coordenar diferentes luitas que se encontram nas ruas a diário

Também queredes fomentar o consumo local e ecológico, tendes preparada algumha iniciativa neste sentido?

Várias das pessoas que fam parte do projeto som produtoras. Além das atividades que podam vir a surgir, colaboraremos com o mercado local e ecológico da comarca, o 4Ponlas, e com outros projetos que vaiam na mesma direçom: criar alternativas à indústria agroalimentar.

Nas redes sociais empregades umha linguagem nom sexista, por que considerais necessário o emprego de esta linguagem?

Na nossa Assembleia Constituinte aprovamos utilizar umha linguagem inclusiva, tanto o "e" como o "a", ou outras fórmulas. Isto fazemo-lo polo mesmo motivo polo que nom empregamos umha linguagem racista ou classista: para nom reproduzir a opressom. A linguagem nom é neutral, configura-se seguindo as características da realidade social e, por sua vez, determina a realidade. Nom queremos perpetuar o patriarcado na linguagem.

no foco

TURISTIFICAÇOM / OS OBJETIVOS DA JUNTA

josh cochran

PERSPETIVAS DE CRESCIMENTO /

Turismo sem fim

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Nos últimos anos o número de turistas nom para de medrar. Em anos prévios ao estourido da bolha imobiliária, o turismo mantinha-se numha linha constante, mas desde 2014 o nosso país recebe mais de quatro milhons de turistas por ano, atingindo em 2017 um máximo histórico que ultrapassou os cinco milhons. A estratégia da Junta persegue o objetivo de continuar a medrar, fixando a meta nos seis milhons de turistas em 2020 -dos quais umha terça parte proviriam de fora do estado espanhol-, num contexto global em que as viagens estám a atingir máximos históricos.

A mobilidade de bens e pessoas está a aumentar de jeito significativo nas últimas décadas. Tanto é assim que a Organizaçom Mundial do Turismo (UNWTO), vinculada à ONU, constatou em 2017 um total de 1.322 milhons de turistas internacionais, um 7% a mais que no ano anterior e mais um ano de crescimento contínuo desde 2009. Este organismo prevê que esta cifra prossiga o seu ascenso, com um crescimento meio de 43 milhons ao ano até 2030.

Assim, a Junta da Galiza tem claros os seus objetivos para este novo auge do turismo que se está a viver: atingir os 6 milhons de visitas em 2020, para o qual tem programado o gasto de 240 milhons de euros, correspondentes à sua Estratégia 2020 para o Turismo da Galiza, elaborada pola Agência de Turismo da Galiza – organismo autonómico dependente da Presidência, cuja diretora é Nava Castro. Em anos passados, o nosso país superou os cinco milhons de pessoas viageiras que passaram noite nalgum dos seus estabelecimentos turísticos.

> Junta quer atingir 6 milhons de visitas em 2020, para o qual tem programada despesa de 240 milhons de euros na sua Estratégia 2020

Caminho de Santiago

Nesta Estratégia 2020, apresenta especial interesse a projeçom do Caminho de Santiago, um itinerário que a administraçom considera interessante promover para melhorar as suas cifras de turistas de fora do estado espanhol – em 2016 o 55% das pessoas que figéram o Caminho provinham de 146 países diferentes- e também para introduzir através dele demandantes de serviços de alto valor adicionado. O Caminho de Santiago encontra-se também num momento de auge e de ci-

TURISTIFICAÇOM / OS OBJETIVOS DA JUNTA

fras históricas: em 2017, Compostela recebeu por vez primeira mais de 300.000 peregrinos e peregrinas. Mais do que em nengum ano Jacobéu até o momento.

Turismo de cruzeiros

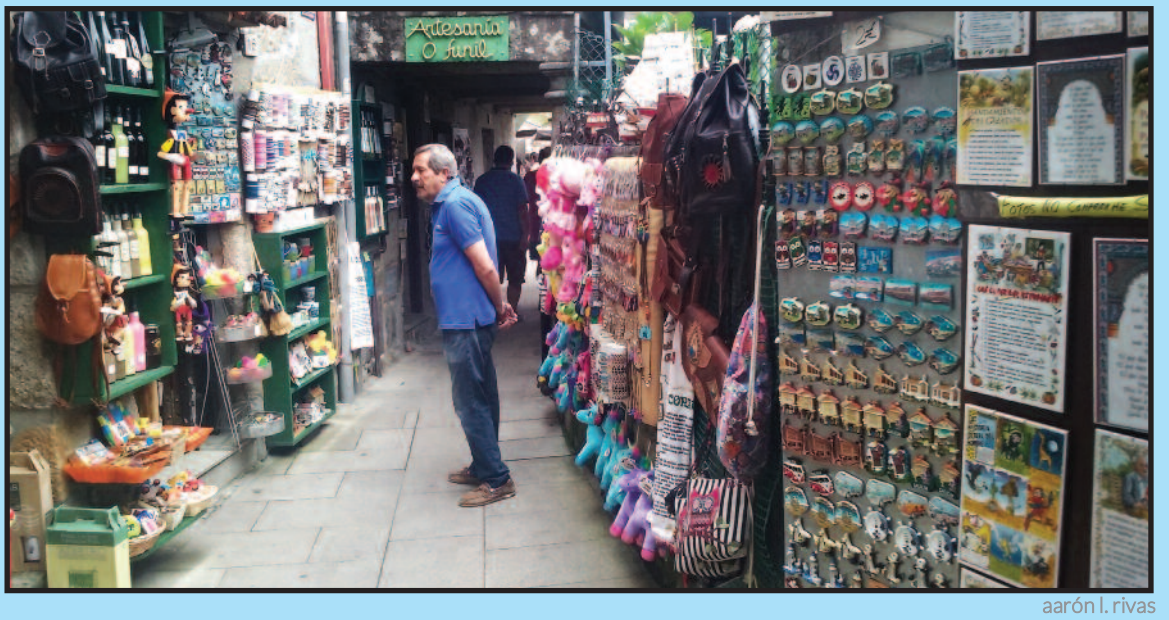
Numhas cifras algo maiores do que o Caminho de Santiago move-se o turismo de cruzeiros. Se bem ano trás ano está a minguar o número de pessoas que visitam Galiza neste tipo de buques, em 2017 arribaram umhas 346.375 pessoas aos portos galegos. Apesar da baixada na chegada de cruzeiros, aparecem também alguns dados significativos. No ano passado, por vez primeira o porto de Marim recebeu um cruzeiro, o MS Bremen, da companhia de navegaçom alemá Hapag-Lloyd Cruises, com um total de 143 visitantes. Para além disto, aprecia-se um auge na chegada de turistas de cruzeiros ao porto da Corunha, com mais de 184.000 -um aumento do 45,24% em relaçom ao ano anterior-, em detrimento do porto de Vigo.

Este tipo de turismo está vinculado ao turismo urbano. Na cidade de Vigo existe umha passarela que permite aceder do porto diretamente para o Casco Velho e na cidade da Corunha o lugar de atraque dos cruzeiros encontra-se perto da praça de Maria Pita.

Um mercado 'sénior' e 'millenial'

A estratégia da Junta recolhe também alguns segmentos que resultam de interesse para os planos de crescimento turístico da Junta. Entre eles encontram-se as pessoas maiores. Assim, percebe-se potencial no "turismo sénior", dissociado do conceito de turismo social ou IMSERSO. O cliente desejado é um par ou grupo com nível aquisitivo alto, gosto pola natureza e pola cultura e possibilidade de viajar fora da temporada alta". Na outra face, encontram-se as conhecidas como "millenials", pessoas nascidas entre 1980 e 1999, um sector ao que a Junta situa no turismo de cidades. Entre os mercados onde vender Galiza como destino turístico, a Junta coloca num primeiro lugar o Norte de Europa, "onde reside um tipo de turista de alto nível aquisitivo".

EFEITOS E IMPACTOS /



aarón l. rivas

Cara a umha análise crítica do turismo

Diversos movimentos sociais estám a alertar dos perigos deste auge do turismo e os efeitos que terám nas populaçons. Na cidade de Compostela, no passado mês de dezembro a organizaçom juvenil Briga realizava um debate onde se expunham as vulnerabilidades dum modelo económico sustentado no turismo, umha atividade que na Galiza está perto de produzir o 12% do PIB. No mês de junho, a CNT organizava na mesma cidade umha palestra sob o título de 'Disneyworld no centro da tua cidade', onde se analisavam os efeitos da turistificaçom, tais como a suba de alugueiros ou a expulsom da vizinhança do centro da cidade.

Ademais das críticas que provenhem de setores políticos ativos, na capital do país algumhas vozes académicas estám a advertir sobre os riscos do turismo. A investigadora galega, atualmente residente em Lisboa, Cristina Martínez, mostra-se crítica com o atual modelo hegemónico de turismo, se bem aponta a ter cuidado em alguns aspetos à hora de criar um discurso crítico. "É necessário focar o turismo como um fenómeno complexo, que combina e ativa elementos de diferente natureza e que nom podemos ler dumha forma maniqueísta. Digo isto porque todas participamos voluntária ou involuntariamente neste processo e todas atuamos e nos comportamos como turistas nalgum momento", expom Martínez.

Ética do prazer

A dificuldade chega também à hora de definir o quê é turismo, num momento em que mesmo alguns trabalhos académicos chegam a questionar a vigência do próprio termo. "Neste sentido", expóm Martínez, "e dado o caráter eminentemente consumista (de lugares, objetos e pessoas) desta prática pergunto-me se nom fai mais sentido falar puramente de capitalismo e de consumismo".

Assim, esta investigadora acha que é preciso situar o turismo no contexto das mudanças que se estám a dar no modelo capitalista. "O turismo é ativado especialmente em contextos e tempos precarizados, baseia-se na instrumentalizaçom do património material e imaterial, está vinculado a situaçons laborais claramente injustas, existe umha profunda desigualdade na distribuiçom entre quem sofre as consequências e quem se lucra, dá lugar a processos de gentrificaçom...", salienta Cristina.

De todos os aspetos do turismo, ressalta dous elementos que considera núcleo do seu potencial destrutivo: "as turistas estám num espaço e tempo de lazer e o caráter temporalmente limitado desta prática impede o envolvimento pleno com a comunidade local e a preocupaçom com as consequências da sua açom". Na sua crítica à "ética do lazer" que compom o turismo, Martínez expóm que "temos de ser auto-conscientes das nossas práticas e das relaçons de poder que incorporamos quando viajamos ou intervimos em espaços e comunidades diferentes das da nossa rotina".

no foco

TURISTIFICAÇOM / O CASO DE COMPOSTELA

sandra alonso

Um casco histórico sem sítio para a vizinhança

aarón l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

A cidade de Compostela está a viver um autêntico boom turístico. Em 2017 houve nesta cidade quase milhom e meio pernoitas, uns 2,6 milhons de viageiros chegados a aeroportos e uns 300.000 peregrinos do Caminho de Santiago, dados que mesmo superam as cifras atingidas no Jacobeu 2010. Ademais, segundo o relatório UrbanTur, em 2016 Compostela era a cidade com maior pressom turística, com umhas 138,38 vagas turísticas por cada mil habitantes. Enquanto várias vozes advertem dum processo de exclusom da vizinhança da zona velha, o Concelho inicia umha campanha em que se denunciam os efeitos negativos das vivendas para uso turístico nom-reguladas.

É revelador como para muitos locais o Passeio da Ferradura constitui um espaço central na sua ideia de Santiago, face à quase ausência nas repostas dos visitantes, dominadas pela Catedral e as ruas adjacentes", expom o investigador Carlos Pazos-Justo no seu trabalho 'Turismo, imagem e comunidade', onde analisa alguns dos dados recolhidos polo grupo de investigaçom Galabra a visitantes provenientes de Portugal – país que achega maiores quantidade de turistas, após o estado espanhol –. "Verifica-se um progressivo abandono da população local das zonas mais impactadas pelo turismo. Na prática, cada vez menos locais residem na parte histórica da cidade ou deixam de a frequentar para socializar ou simples lazer. Por seu turno, a pressão duma imagem peregrina da cidade dominante pode invisibilizar e desproblematizar os efeitos económicos ou sócio-culturais negativos do fenómeno turístico", continua Pazos-Justo.

Por outra banda, a investigadora Cristina Martínez expom que para explicar esse processo de expulsom da vizinhança do centro da cidade há que procurar responsabilidades também além do processo turistificador que se está a viver. "As mudanças vividas na cidade respondem a lógicas que estám a acontecer em quase todas as urbes do globo e que respondem a modelos de atuaçom do capital financeiro transnacional associados – consciente ou inconscientemente– com modelos de gestom urbana que se fôrom colocando como bons ou desejáveis, daí também as dificuldades dos governos municipais para pôr freio a algo que ultrapassa as suas competências", expom.

> Um estudo do Concelho contabiliza mais de 720 anúncios de vivenda para aluguer turístico. A maior parte encontra-se no casco histórico e umha parte importante delas estám em situaçom irregular

Perseguindo os apartamentos turísticos

O Concelho de Santiago de Compostela está a mostrar preocupaçom pola sobrecarga turística que está a padecer o casco histórico compostelano, encetando umha campanha para conscientizar arredor da problemática das vivendas para uso turístico que se alugam através de plataformas online. No ano passado, o concelho realizou um estudo cujos resultados figeram saltar as alarmes: mais de 720 anúncios ofertavam mais de 3100 vagas turísticas, o que conforma o 30% da oferta regrada. Ademais, por volta de metade delas estám no casco histórico e calcula-se que este negócio pode mover mais de 8 milhons de benefícios sem fiscalizar. "E umha parte mui importante tenhem um caráter ilegal, sem nengumha regulaçom. Som vivendas de uso residencial, que nom tenhem licença para uso turístico mas estám a exercer esse negócio", expom Marta Lois, concelheira de Igualdade, Desenvolvimento Económico e Turismo, nesta cidade.

"Este é um fenómeno recente e está levando a que indiretamente se incremente o prezo da vivenda de alugueiro e da compra e faga impossível que a gente de Compostela poda viver no casco histórico e, em um futuro, que o casco histórico se poda converter num parque temático ou numha zona excessivamente turistificada", acrescenta a concelheira. Recentemente, o concelho abriu expedientes a duas destas vivendas, solicitando a reposiçom da legalidade. Lois aponta também a umha negligência nas funçons por parte da Junta e afirma que, ainda que Compostela esteja interes-

TURISTIFICAÇOM / O CASO DE COMPOSTELA

Marta Lois, concelheira de Turismo: "Muitas destas vivendas turísticas estám concentradas em poucas maos"

sada em regular esta atividade, "todo o que tem a ver com o turismo ilegal ou fraudulento a competência a tem Turismo da Galiza, a agência que tem que levar adiante as instruçons".

Assim, a concelheira de Igualdade compostelana expom também que ainda que as plataformas para este tipo de vivendas de uso turístico costumam anunciar-se como exemplos de economia colaborativa, "o que vemos é que muitas destas vivendas turísticas estám concentradas em poucas maos e há importantes multi-proprietários".

Taxa turística

Compostela leva meses a pôr acima da mesa o debate dumha taxa turística, que abonaria cada pessoa que realizasse umha pernoita nos estabelecimentos hoteleiros da cidade. Com esta medida o Concelho procuraria promocionar a desestacionalizaçom e criar eventos culturais em temporada baixa. "Como sempre", expom Marta Lois, "a pelota está no telhado da administraçom responsável, que é a Junta, e que se encontra de perfil face essa demanda". O concelho de Compostela também se mostra crítico com a ideia de crescimento turístico da administraçom autonómica, umha ideia que replicam os meios de comunicaçom. "Todas as semanas há umha consulta reiterada por parte dos meios para saber se se continua a crescer e semelha que há umha certa ansiedade por bater recordes. Acho que os bons resultados som positivos, mas também se pode manter um número de pernoitas sem ter que medrar indefinidamente, tendo um gasto meio superior e maior qualidade na experiência", reflete Marta Lois.

Compostela é deles

BEATRIZ BIEITES

A Compostela da minha infância desaparece aos poucos entre quem sente que nada se pode fazer por evitá-lo e quem nom vê o que está a acontecer. A cidade vai deixando de ser minha, nossa, vai apagando as memórias, enquanto desaparecem os espaços comuns de lembranças coletivas. Já nom fica nengum dos cafés onde costumava ler e conversar, e os locais onde fum descobrindo a cidade e a idade adulta apenas existem na minha memória. Aquelas maravilhosas e desérticas ruas das noites de agosto som só umha bela estampa difícil de imaginar para quem tem menos de 30 anos e para quem hoje vê como cada dia se vai construindo um pequeno apartheid no centro da cidade.

O turismo chega a Compostela à sombra de Barcelona, Porto, Veneza, Maiorca, Lisboa. Umha sombra que cresce e que cada dia nos escurece mais.

Gaiteiros de aluguer, cancioneiro católico ecoando nas pedras, menus do peregrino nas velhas tascas. Milhares de mesas e para-sóis nos antigos espaços de jogo e namoro hoje privatizados e vendidos à hotelaria. Souvenirs à venda nas padarias e pacotes turísticos nos ultramarinos. Táxis, carros de aluguer, transporte de mochilas e serviço de lavandarias numhas ruas pedonais mais transitadas que nunca. Casas que nom som lares, vizinhas que ficam sós entre habitantes esporádicos que nunca estám quando se acaba o sal.

Os apartamentos turísticos transformam os bairros e obrigam-nos a pagar mais, a viver sem serviços básicos, a viver entre desconhecidas...

O centro é para eles. Mais de 50% das casas da zona histórica som para eles. Compostela é a cidade do estado com maior pressom turística em funçom do alojamento: 138 camas por cada 1000 habitantes. Os apartamentos turísticos transformam os bairros e obrigam-nos a pagar mais, a viver sem serviços básicos, a viver entre desconhecidas, a aguentar barulho, a ver desaparecer a nossa língua e a comer paelha. Só a vida comunitária poderá ajudar a travar este tsunami. Associar-se com outras vizinhas, ocupar o nosso espaço público com atividades coletivas, organizar a luita, o protesto e a vida em comum.

Beatriz Bieitas é vizinha de Compostela.

TURISTIFICAÇOM / NA PROCURA DE PRAIAS

j. v. landín

UMHA OLHADA À COSTA /

A pegada do turismo a carom do mar

aaron l. rivas
aaronlrivas@novas.gal

Os processos turisitificadores estám a chegar às cidades, mas o destino tradicional do turismo até o de agora tem sido a costa, cara a onde se dirigiam milhares de pessoas, maioritariamente provenientes do estado espanhol, para passarem o verao a carom da praia. Trata-se assim de um turismo altamente estacionalizado, com impactos ecológicos, na mobilidade e mesmo económicos e de habitaçom. Em muitas localidades este fenómeno convive com a volta de pessoas migradas ou o próprio deslocamento cara às praias que realizam habitantes de concelhos vizinhos.

Se há um lugar na costa galega em que se pense quando se pronuncia a palavra turistificaçom é Sam Genjo, alcunhado como 'capital turística das Rias Baixas'. Mais concretamente o 'ponto zero' do turismo neste concelho do Salnês colocaria-se na praia de Silgar, a carom da qual medrárom lotes de apartamentos e está instalado o porto desportivo com o nome do monarca espanhol emérito Juan Carlos I.

Os dados do INE salientam que o turismo nesta localidade volta estar em auge depois da crise imobiliária: este concelho de mais de 17.000 habitantes em 2017 recebeu, ao longo de todo o ano, um total de 892.883 pessoas que pernoitárom em estabelecimentos da localidade. Esta é a maior cifra atingida desde há que registos.

Como é de conhecimento, os meses com maiores pernoitas som os do verao, com mais de 460.000 em julho e agosto. Esta concentraçom de turismo no período estival fai com que a hotelaria se converta no motor económico de Sam Genjo e se crie umha substancial diferença entre o panorama laboral do inverno e o do verao. Assim, durante o verao os empregos aumentam num 80% em relaçom com o mês de janeiro.

Tal realidade converteu também este concelho num exemplo de crescimento especulativo de vivenda turística. Em 2003, sendo alcalde o popular Telmo Martín, aprovava-se um PGOM em que se estabeleciam 30 bolsas de solo prevendo a construçom de 6.914 novas vivendas para umha localidade que, naquele momento, contava com 16.312 habitantes e desde entom o crescimento da populaçom só foi de 929 habitantes. Em 2017, com a volta de Telmo Martín à alcaldia, suspendem-se as licenças de 25 dos 30 solos urbanizáveis. Esta decisom anuncia-se como um freio ao crescimento urbanístico. Porém, essas bolsas nunca fôrom construídas, com os prazos de aprovaçom e desenvolvimento superados, e a açom do concelho pode abrir modificaçons para o aproveitamento destas parcelas.

Nos dados do último censo de populaçom e vivendas do INE, de 2011, em Sam Genjo de um total de 16.895 vivendas o 65,4% som segundas vivendas. Porém, na zona de Silgar e Portonovo as vivendas nom principais superam o 70%. Chama a atençom que em Sam Genjo haja quase tantas vivendas como habitantes, quando o tamanho meio da morada na Galiza é de 2,6 pessoas por vivenda.

Barreiros, procurando alternativas à praia

Um destino semelhante ao de Sam Genjo procurava o alcalde de Barreiros, o popular Alfonso Fuente Parga, quando quijo levar adiante um plano de urbanismo que procurava construir vivendas para um total de 25.000

TURISTIFICAÇOM / NA PROCURA DE PRAIAS

pessoas num concelho de 3.200 habitantes. Este concelho da Marinha promoveu umha política turística focada para um turismo de praia, com a intençom de trazer turistas procedentes da meseta.

Este modelo turístico provoca a estacionalizaçom e remata dividindo a realidade económica e laboral da vila em duas etapas: a temporada alta e a temporada baixa de visitas. Segundo indicam algumhas vozes de estabelecimentos hoteleiros da zona, o pico de trabalho situa-se nos meses de julho e agosto, sendo nesta época um turismo próprio de famílias. Em setembro muda o perfil e achegam-se pessoas que se enquadram no turismo 'slow', pessoas idosas, parelhas, que fam maior gasto nos estabelecimentos do lugar.

Também, com a sua recente catalogaçom como Património de Humanidade, as zonas do interior de Barreiros estám a receber peregrinas e peregrinos que escolhem o Caminho do Norte para chegarem a Compostela, se bem é o concelho limítrofe de Travada o que já afirmou a potenciaçom desta via como um atrativo para o turismo. Entre as visitantes que escolhem este caminho salienta-se que a sua grande maioria som estrangeiros, sobre todo da Alemanha, centrando-se em julho e agosto as que provenhem do estado espanhol.

Assim, recentemente diversos estabelecimentos hoteleiros de Barreiros começárom a se organizar para promoverem um turismo que pense nessa desestacionalizaçom e se afaste do modelo de praia, que neste concelho deixou também a herdança da especulaçom urbanística. Segundo o último censo de populaçom e vivenda de 2011, em Barreiros havia 3.135 pessoas e umhas 4.735 vivendas, atingindo a percentagem de vivendas nom principais o 74,6%.

subin yang

> Em Sam Genjo há quase tantas vivendas como habitantes, quando o tamanho meio da morada na Galiza é de 2,6 pessoas por vivenda

Limites às Catedrais e às Cíes

O impacto ecológico na costa pode-se constatar nas medidas tomadas pola administraçom autonómicas em dous espaços sensíveis: a praia das Catedrais, na Marinha, e as ilhas Cíes, na ria de Vigo. No caso da praia da Marinha, cuja imagem chegou a converter-se num ícone turístico, durante a Páscoa e o verao estabelece-se um limite de 4.812 pessoas diárias, as quais tenhem que tramitarem para esta visita umha licença individual. Porém, tal limitaçom, e os avisos de riscos que se exponhem na página onde se tramitam as licenças, nom puidérom evitar a morte dumha jovem nesta Páscoa após o desprendimento de um cantil.

Nas Ilhas Cíes o limite diário nas jornadas de máximo aforo turístico é de 2.200 pessoas. No ano passado saltava a polémica ao constatar-se que as empresas navieiras que prestam o serviço de deslocamento para essas ilhas estavam a vender bilhetes por cima do limite diário acordado, o que provocou que as forças de segurança do estado intervinhessem para impedirem o desembarco de passageiros nas Cíes. A Junta abriu expedientes e impujo sançons por um total de 930.000 euros às empresas navieiras da Ria de Vigo. Neste ano a Junta ativou um novo modelo de requerimento de acesso, polo que nom poderá aceder às ilhas quem nom tramitar e levar consigo umha licença pessoal de acesso.

Mobilidade

O colapso na mobilidade está presente em diversos pontos da costa durante o verao. Isto nom só acontece polo facto do aumento populacional, mas também por ser o carro particular o sistema de transporte preferido polas pessoas que fam turismo na Galiza. Segundo a Enquisa do turismo em destino na Galiza 2015-2016 realizada pola Junta, um 71% das turistas deslocam-se de carro particular. Isso somado ao deslocamento de habitantes das cidades cara à costa provoca colapsos habituais em pontos como a Ponte de Rande na ria de Vigo, ou na ponte que é o único ponto de entrada e de saída na Ilha de Arouça. No caso da Ilha os colapsos som habituais nas tardes das fins de semana de verao, de sexta a domingo.

Ficando na Ilha, neste ano um vídeo que se fijo viral, em que participam os humoristas Carlos Blanco e X. A. Touriñán e leva por título 'O mar é de todos', toca um problema que se repete ano após ano nos seus areais: pessoas que vam à praia levam marisco sem nengum tipo de licença. Isto tem provocado que as próprias mariscadoras tenham que se organizar para fazerem labores nom remuneradas de vigilância, com o objetivo de impedir que o marisco que elas trabalham seja roubado.

Entre outros efeitos que está a ter a turistificaçom da Ilha, está a dificuldade de encontrar ali umha vivenda para todo ano, especialmente para umha família, pois a maior parte das novas edificaçons estám pensadas como apartamentos turísticos com apenas um quarto. Voltando para os dados do censo, em 2011 na Ilha contavam-se 4.975 habitantes e umhas 2.630 vivendas, das quais 40% nom som vivendas principais. Ademais, no mercado imobiliário é habitual encontrarmos ofertas de aluguer com preços que oscilam entre 300 e 350 euros durante o curso escolar, mas que ao chegar o verao entram no mercado turístico ao disparar-se o preço por cima dos 1.500 euros mensais.

DEFESA DOS MEIOS PÚBLICOS /

Estoura conflito na CRTVG

maria álvares rei
mariaalvaresrei@novas.gal

Castigos velados a jornalistas, controle informativo, externalizaçom reiterada da produçom e nom desenvolvimento do conselho de informativos recolhido numha lei aprovada em 2011 polo Parlamento fam aflorar o conflito na Corporaçom Rádio e Televisom da Galiza (CRTVG), que desvenda um organigrama diretivo de jornalistas metidos a cunha polo Partido Popular para trabalharem no seu benefício.

O pessoal da CRTVG nom aguenta mais. "Estamos nos piores tempos da companhia, nunca chegamos a uns níveis tam explícitos de manipulaçom nem se dera de forma tam evidente a perseguiçom a jornalistas nom afins ao PP", assegura umha jornalista que leva trabalhando na TVG desde a época Fraga e nom quer dar o seu nome por nom sofrer mais represálias.

A situaçom em que se encontra a companhia de rádio e televisom da Galiza mobilizou por primeira vez em muitos anos um coletivo de técnicos, redatores e produtores que nunca estivo mui unido. Segundo Concha de la Fuente, auxiliar de produçom no Diario Cultural, "na CRTVG nunca houvo muita solidariedade entre as trabalhadoras. Muitas pessoas entrárom graças ao PP e fôrom mui poucas as que se atrevêrom a questionar a maneira de fazer durante anos e anos enquanto os meios públicos iam-se degradando e perdendo qualidade e rigor informativo. Mas algumha cousa mudou desde que em maio a direçom anunciou a nova programaçom".

> "Cada vez sumam-se mais trabalhadoras às sextas pretas. Estamos a perder o medo", di Concha de la Fuente, produtora do Diario Cultural

Concha fala da programaçom que terá lugar a partir de setembro em que a direçom suspende as conexons locais e o programa da rádio, Diario Cultural, que sofre umha mudança de formato. Aqui situa-se a origem do conflito que desde entom nom fijo mais do que aumentar. "Com estas intençons acima da mesa, começamos as movilizaçons as trabalhadoras da rádio nas terças e quintas, fazíamo-las no tempo do café e dentro do prédio de Sam Marcos, mas depois unírom-se as da televisom e decidimos mobilizar-nos com as companheiras de TVE que também estavam a protestarem pola manipulaçom. Assim, começárom as sextas pretas e cada vez sumam-se mais trabalhadoras. Estamos a perder o medo".

Agora a cada sexta-feira os trabalhadores vestidos de preto denunciam

"A muitas dá-nos vergonha pôr cara e voz para enganar a cidadania, que está a pagar uns meios públicos para informá-la", sustém umha jornalista da CRTVG

a situaçom laboral e o usos que a companhia fai da informaçom, fam-no saindo fora com as jornalistas de TVE, ademais através das redes sociais criárom a Plataforma Defende a Galega.

Controlo informativo

Mas se a faísca que prendêrom os protestos foi a mudança da programaçom, agora os redatores ponhem o foco no controlo informativo, sobretudo através dos informativos da TVG.

A gestom da vaga de incêndios de finais de 2017, a quase ocultamento da trama Gurtel ou a emissom dumha peça da entrada na cadeia do cunhado do rei, Iñaki Urdangarín, por oito seguidas com a dimissom do Ministro de Cultura Màxim Huerta ponhem em entredito os meios públicos que fôrom criados com vocaçom de serviço à cidadania galega.

Mas nom apenas a política estatal é controlada. "Desde que as Mareas chegárom às câmaras municipais a consigna é afundá-las. Em Vigo, as redatoras som obrigadas a procurarem ratas, na Corunha lixo e em Compostela as famosas fochancas. Tenhem tido equipas das delegaçons mobilizadas toda a manhá na procura de qualquer cousa que poida prejudicar estes governos municipais e ademais empregam para isto os trabalhadores díscolos, como castigo", confirma um câmara que tampouco nom quer revelar o nome.

"A muitos jornalistas dá-nos ver-

MANIPULAÇOM INFORMATIVA /

Técnicas de manipulaçom: a duraçom e ordem das peças

Todos os informativos dos canais de televisom trabalham interconetados entre eles através da rede. Assim, todas as jornalistas tenhem acesso às notícias para poderem incluir mudanças de última hora e subirem e baixarem a notícia em funçom da atualidade. Mas na TVG este sistema serve aos editores e redatores chefes para revisarem e corrigirem os textos elaborados polos jornalistas em funçom da linha política. Mas nom só, os seus correios e computadores também recebem um controle por parte da direçom.

Desde há tempo a TVG nom abre um telejornal com notícias da Galiza, nom sendo que haja extremamente relevante. A atualidade política de primeira ordem passa por Madrid e assim reforça-se a ideia de que a política da Galiza nom atinge às galegas.

Nos informativos emprega-se a técnica da compensaçom: por cada notícia em que o PP poda sair "mal-parado", confecionam-se três ou quatro que podem afetar ao PSOE e reduzem-se os tempos das noticias dedicadas ao PP quando nom interessa que estas tenham relevância. Como exemplo, o telejornal do juízo da trama Gurtel que tirou o PP do governo espanhol. A notícia nom abriu o telejornal. Os editores considerárom mais importante a explosom dum armazém pirotécnico em Tui e os acordos do Conselho da Junta. A peça da Gurtel devia durar 50 segundos e nom havia conexons em direto com a Audiência Nacional. Essa foi a consigna recebida polo redator da chefa de informativos.

Por cada notícia em que o PP poda sair "mal-parado" confecionam-se três ou quatro que podem afetar a outros partidos

O capitulo mais escuro no atingível aos telejornais da televisom pública é o dos incêndios sofridos no país em outubro passado. Os jornalistas do comité de empresa protestavam pola sua cobertura: 70 focos ativos e Vigo sitiada polo lume, nom merecérom umha conexom em direto. Até as onze da noite a progamaçom nom mudou. TV3 e ETB conetavam antes em direto com a Galiza do que a própria TVG. A notícia era a primeira em todos os informativos estatais.

Em outubro a prioridade dos chefes de informativos era o referendo catalám "com o que se subvertia a ordem constitucional", e alguns dos enviados especiais qualificavam nas suas retrasmissons em direto como "referendo ilegal". O mesmo discurso que empregava o PP nas suas rodas de imprensa para atacar as forças soberanistas catalás.

ORGANIGRAMA DA CRTVG /

A tela de aranha do PP envolve toda a CRTVG

O diretor geral da CRTVG, Alfonso Sánchez Izquierdo, desembarcou na direçom no mesmo ano em que chegava Feijó à presidência da Junta, procedente de *La Region*. É conhecida a boa relaçom do jornalista com o partido do governo. Desde aquela situou em postos chave a gente da linha do Partido Popular.

Jaime Arias é diretor de projeçom social e foi o encarregado de elaborar umha carta que enviou por correio a todos os trabalhadores após os incêndios do passado mês de outubro. Esta foi interpretada como um aviso em que dizia que "é injusto, imoral e mentira que TVG chegou tarde na cobertura".

A atual diretora de informativos, Concha Pombo, foi também assinalada polos seus companheiros ao nom aparecer pola TVG até as onze da noite o dia que começou a vaga de lumes de outubro.

Os redatores chefes som Marcos Sueiro, que chegou à CRTVG por meio dumha contrataçom externa procedente do jornal *ABC*, e Marta Darriba, apresentadora do Telejornal-1 e "muito bem ligada com o PP".

A plataforma Defende a Galega anuncia umha mobilizaçom em defesa dos meios públicos para setembro

gonha pôr a cara e a voz para enganar a cidadania, que está a pagar uns meios públicos para informá-la com o máximo rigor. Até agora sempre o figemos porque éramos ameaçadas veladamente ou marginadas cobrindo informaçom pouco relevante, ademais instaurou-se a crença de que o partido que governava fosse da cor que for, punha os meios públicos à sua disposiçom, mas a ética profissional impede-nos continuar a funcionar desta maneira", reafirma-se a jornalista.

Jornalistas demitem

Em 22 de junho Tati Moyano e Alfonso Hermida, apresentadores do Telejornal apresentavam a sua demissom na direçom da companhia. O motivo: o tratamento informativo no telejornal que apresentam. A notícia da demissom corria polos jornais e umha direçom nom acostumada a um assinalamento mediático externo pretendia desprestigiar os seus jornalistas dizendo que a decisom vinha da direçom por nom cumprirem os objetivos marcados na suba da audiência.

A diretiva da CRTVG nom gosta de ser assinalada por outros meios e ameaçou organismos públicos de serem levados a juízo nos próximos meses. "Tenho a constância que personagens e organismos públicos recebêrom chamadas segurando-lhes que a assessoria jurídica da companhia estava a trabalhar para os levar a juízo se seguiam a dar repercussom ao conflito", afirma de La Fuente.

Mundo Méndez, presidente do Comité Intercentros, também indica que o foco de tensom começou com a mudança anunciada da programaçom marcada para setembro, e fai umha radiografia da situaçom atual da Companhia. "A gota que encheu o copo foi a suspensom das conexons locais de cara à nova temporada, mas temos muitos focos abertos: nom se criou o Conselho Informativo aprovado por lei em 2011, que vela por umha transparência informativa, desde 2010 sofremos um recorte salarial do 5% que sim recuperárom a maior parte dos trabalhadores doutras televisons autonómicas. O orçamento de 2018 encontra-se entre os 107 milhons de euros, quando na época do bipartido atingia os 148 e passamos dumha equipa de 1200 trabalhadoras a umha de 900. O diretor da CRTVG é Sanchez Izquierdo, vem de *La Region* e som conhecidos os seus vínculos com o PP como também os da diretora de informativos Concha Pombo".

As listagens de contrataçons para cobrirem baixas e postos vacantes também som acusadas de fraude. Segundo a jornalista que falou com o NOVAS " os nomes dançam como querem, se interessa que trabalhe um determinado jornalista mais tempo dá-se-lhe a outro umha baixa por três dias e a um que está vários postos por trás reserva-se-lhe umha baixa de maternidade".

Da Plataforma Defende a Galega já anunciárom umha grande movilizaçom para setembro. Asseguram que este outono será movido na CRTVG.

elena martín lores
conselho@novas.gal

Gustavo Castro fala com tranquilidade apesar de todo o que carrega nas suas costas. Foi casualidade que ele estivesse na casa da sua companheira de luita e amiga, Berta Cáceres, o dia que dous sicários contratados pola hidroelétrica Desarrollos Energéticos S.A. (DESA) entrárom e a assasinárom enquanto dormia. A ele dêrom-no por morto, convertendo-se assim na única testemunha dum caso que comocionou o ativismo latino-americano. Castro tivo proibido abandonar Honduras durante o mês que seguiu ao assassinato, pois se lhe tentou acusar de o ter cometido ele. Depois, por medo, tivo que se manter escondido, e agora pensa em voltar para o seu país. Pronto para continuar na luita, Castro nom perde a esperança de que o esforço de todas poida mudar as cousas.

Gustavo Castro
ativista mexicano fundador de 'Otros Mundos'

ena barbazán

"Quando som as mulheres as que sofrem a repressom, a **luita social** perde pulo"

Qual é o vosso trabalho com a organizaçom Otros Mundos?

Otros Mundos procura defender as comunidades indígenas fronte às açons dos governos e das grandes empresas multinacionais, que arrasam com todo e assassinam aquelas pessoas que tentam frenar o seu avanço implacável. Mas sobretodo, Otros Mundos começou a trabalhar arreu quando se começárom a implantar os Tratados de Livre Comercio na América Latina, que implicavam mais investimentos nas empresas, o que provocava que as grandes multinacionais lhes disputassem à populaçom os seus territórios. Fôrom com estes tratados que, por exemplo, se outorgárom muitas concessons para construir presas (Fenosa, Iberdrola, Endesa estavam dentro da criaçons destas presas para controlar a energia que proporcionam), inundando zonas enormes de selva e destruindo todo ao seu passo. Também no sector mineiro. O governo mexicano entregou 45000 concessons mineiras (a metade do próprio território mexicano) o que provoca um impacto ambiental terrível e converte a México numha gram mina para a exploraçom por parte doutros países. Eu sempre comento que Canadá, um dos países que tem mais concessons mineiras em América latina -aproximadamente 70% da minaria mexicana é explorada por empresas canadenses- nom tem

a terra treme

ena barbazán

minas no seu próprio país, porque quem quereria construir minas no seu próprio território quando a minaria é umha das atividades extrativas mais daninhas para o médio ambiente e para a saúde dos seus habitantes? Isso sem contar com a quantidade inumana de água que necessitam para funcionar (de 1 a 3 milhons de litros de água por hora) e o facto de contaminarem os rios e a zona que as rodeia. E agora, a maiores, temos a industria da palma de azeite, que fijo que as comunidades indígenas deixassem de plantar milho ou feijós, espécies autóctones, e mudassem por palma, encarcerando a quem se negar ou tentar tombar estas novas plantaçons. Todo em nome do progresso.

Todo isto tendo em conta que este suposto progresso nom achega nada aos habitantes destas zonas exploradas, todo o benefício vai às empresas. De facto, o que fam é deslocarem milhares de pessoas pola destruçom que provocam. Isso com a compracência do governo, que muda as leis para que toda esta destruiçom seja legal, para o enriquecimento de elites nacionais e internacionais.

É por isto que se iniciou um processo de resistência cara a cara com as comunidades que sofrem esta exploraçom em nome desse suposto desenvolvimento. Levamos tempo fazendo mobilizaçons, reunions, dando informaçom na rua e nas rádios... E a conclusom é que nom só é importante informar e fazer ver o problema, senom também procurar umha soluçom, e assim foi como pensamos que a verdadeira soluçom estava num projeto alternativo e impulsamos um de agro-ecologia e de bio-construçom, tentado fugir do conceito do desenvolvimento capitalista e procurar umha alternativa local. E esse é no processo em que estamos na atualidade.

E essa luita de que falas tem muitas mulheres na cabeça. Mulheres como Berta Cáceres.

Sim, acho nom é umha mudança, senom que penso que as mulheres sempre estivérom ali, na luita, sempre fôrom protagonistas dos processos de mudança, só que antes nom se lhes dava tanta visibilidade, ou era umha visibilidade diferente. Como dizia, os tratados de livre comércio implicárom, entre outras cousas, umha baixa nos subsídios às trabalhadoras já que os governos acabam usando esse dinheiro para investir nas grandes multinacionais. A falta de subsídios e ajudas contribuiu à crise económica, com precariedade laboral, desemprego e paro, e todo isso somado à contaminaçom dos territórios, o que provocou que muitas pessoas, na imensa maioria homens, tivessem que emigrar, deslocar-se, em grandes números. Os nicaraguenses marchavam para Costa Rica, por exemplo, ainda que a maioria, como os guatemaltecos ou hondurenhos a EUA. O que implicava isto? Que eram as mulheres as que ficavam na terra, defendendo-a. Tinham ao seu cargo os filhos, a família, junto com a proteçom da água e do território, contra os ataques constantes do governo e das multinacionais. E para mim, ainda que nom é a única razom, acho que esta realidade explica bastante por que as mulheres, quando em muitos casos nem sequer se lhes permitia ser donas da sua própria terra, acabárom na cabeça da luita em muitas ocasions, ainda que, com certeza, esta nom é a única razom.

> *"Os direitos humanos e o médio ambiente som duas cousas que nom se podem desligar, quando se protege um está-se a proteger o outro"*

Na atualidade, os feminicidios seguem a aumentar e a violência contra as mulheres é mais visível que nunca, e isto tem a ver com a tentativa do governo por inibir a luita. Para pôr-te em contexto, há anos eram as mulheres e as crianças as que encabeçavam as manifestaçons porque eram aos homens a que se levavam presos. Porém, isto já nom é assim, agora apresam as mulheres, torturam-nas, violam-nas e inclusive as matam. Para a polícia e o governo, as mulheres convertêrom-se num território de disputa, e está a demonstrar que, quando som as mulheres as que sofrem as consequências por se mobilizarem, a luita social perde pulo, frena-se. Polo que para mim nom é que haja mais mulheres na luita, senom que tenhem mais visibilidade, nom só porque encabeçam a protesta, mas porque, tristemente, cada vez há mais feminicidios relacionados com estes protestos, feminicidios com motivaçom política. E a pesar do risco que correm, seguem a ser elas as que encabeçam a maioria de manifestaçons e assembleias.

Efetivamente a luita nom se frena, continua e incluso se fai máis forte.

Claro, e nom é só umha luita para defender o médio ambiente, senom também para defender os direitos humanos. Para mim, os direitos humanos e o médio ambiente som duas cousas que nom se podem desligar, quando se protege um está-se a proteger o outro. E quando se ataca um, está-se a atacar o outro. Por exemplo, a mina canadense de GoldCorp provoca milhares de casos de câncer entre os indígenas que vivem na zona em que se criou. E também contaminou a terra e os rios que a rodeiam. Se a saúde e o direito à alimentaçom som direitos humanos, entom é óbvio que, defendendo a terra da existência destas minas, também se defendem os direitos daqueles que as habitam. É um círculo vicioso, a contaminaçom provoca morte e destruiçom, o que por sua vez provoca

deslocamentos e pobreza. E seguimos a luitar justamente por isso, porque é umha questom de vida ou morte, nom temos outra. Nom podemos calar, e cada vez mais sectores da sociedade vem-se afetados polos tratados de livre comércio, que contaminam, matam e, devido aos recortes, contribuem à privatizaçom da saúde e do ensino. da sanidade e da educaçom.

Sem dúvida, todos deveríamos unir-nos a essas mobilizaçons e solidarizar-nos com a causa.

Sim. Mas eu nom quero falar do que devem ou podem fazer desde outros lugares. Nom creio que devamos dizer-vos que fazer desde aqui, por exemplo. Ou desde a China. Com certeza que ter umha rede de acompanhamento é importante, e lograr umha solidarizaçom doutros países. É verdade que graças à presom internacional conseguírom-se avanços em Honduras ou México que doutro modo nom teriam sido possíveis. Por exemplo, se se logrou algum tipo de justiça no caso de Berta foi, em parte, graças a esta presom, e estaremos sempre agradecidas. As empresas que exploram os territórios latino-americanos som na sua maioria estrangeiras, polo que se se vê afetada a sua imagem, e se demonstra que estám a violarem direitos humanos, isto afeta-as diretamente. Polo que sim que é muito importante que se fagam campanhas onde se fale das açons destas empresas. Mas, ao tempo, a melhor forma que temos de ajudar-nos entre países é apoiando aos processos locais que cada um temos no nosso território. Por exemplo, a mim no estado espanhol abraiou-me a de campanhas que há, a quantidade de mobilizaçons que se figérom polos pantanos, por exemplo, ou em Múrcia, com o caso do AVE. Ou aqui na Galiza, as manifestaçons em contra da Mina de Touro. Eu mesmo fum a umha destas manifestaçons em contra desta mina e acho há que lhe dar toda a visibilidade possível. Que a gente se mobilize na Galiza ajuda-nos em Honduras ou em México, porque umha cousa que é importante ter clara é que nós nom luitamos em contra das minas ou presas porque estejam no nosso território, senom que o fazemos para proteger a todo o mundo, porque o médio ambiente é algo que nos afeta a todas, e que haja um vertido em Honduras acabará repercutindo em todo o planeta. Por iso creio fundamental que se luite localmente, porque o tipo de violências som as mesmas, e normalmente estám provocadas polas mesmas empresas.

"A melhor forma que temos de ajudar-nos entre países é apoiando os processos locais que temos nos nossos territórios"

Por último, no caso de Berta Cáceres, como vai o processo? Há avanços que permitam que se faga justiça?

Polos processos de assassinato e de assassinato em tentativa há 8 imputados. Em 2 de março, coincidindo com o segundo aniversário do assassinato de Berta, encarcerou-se um noveno, o presidente da junta diretiva da empresa DESA. Foi mui importante porque por fim começamos a achegar-nos aos autores intelectuais da sua morte, tanto David Castilho como aos membros da família Atala, umhas das mais poderosas de Honduras. Em junho vai haver o juízo [Nota: esta conversa realizou-se antes desta vista. Finalmente o juízo oral ficou marcado para setembro] contra os oito primeiros acusados -o juízo contra David Castilho ainda pode demorar dous anos- e vai ser fundamental que haja umha presom internacional grande, já que segundo como vaia este juízo, as cousas podem mudar ou nom. É algo parecido ao que se está a passar agora com o caso de *La Manada*, onde a sentença que se lhes dê pode ser um toque de atençom para toda a sociedade. Esperemos que se encaminhe a fazer justiça, eu mantenho a esperança.

O que também gostava dizer é que se há violência, também haverá mais esperança. Porque se há violência, as pessoas mobilizarám-se para se protegerem, protegerem a vida e o seu território. Nem nada nem ninguém poderá parar isso.

ena barbazán

LÍNGUA /

Astúrias: à terceira é de vez

damián barreiro
@damiandbm

Em 21 de abril, dias após umha histórica manifestaçom "em favor da oficialidade da língua asturiana e do galego-asturiano" que percorreu as ruas de Oviedo, a número dous do PSOE, a asturiana Adriana Lastra, mostrou numha entrevista em TVE o apoio do seu partido à oficialidade da língua. A resposta da vice-secretária geral -e hoje porta-voz socialista no Congresso- simplificou todas as mudanças que se tinham produzido na questom linguística asturiana nos últimos meses e o apoio de Ferraz à decisom da Federación Socialista Asturiana (FSA) de mudar a sua histórica posiçom contrária à oficialidade. Para além disso, o número dous do PSOE lembrou que os socialistas já tinham estado presentes na manifestaçom de 1976, que reivindicou a autonomia e a introduçom do asturiano no sistema educativo.

Quatro décadas de luita na rua

Aquela histórica mobilizaçom foi convocada por Conceyu Bable e contou com o apoiou de todas as forças democráticas. O discurso impulsionado por esta emblemática associaçom foi impregnando todo e em 1980 o Conselho Regional -o organismo pré-autonómico- puxo em andamento a Academia de la Llingua Asturiana. Além disso, em 1981 aprovou-se o Estatuto de Autonomia, que embora nom reconhece a oficialidade estabeleceu a promoçom do uso e o ensino voluntário. Todo isso, aliás, com um governo encabeçado por um PSOE, partido hegemónico nas Astúrias autonómica marcada pola reconversom industrial e a crise do carvom, que nom viu a necessidade de 'asturianizar' o seu discurso.

> O Estatuto de Autonomia aprovado em 1981 nom reconhece a oficialidade da língua asturiana mas estabeleceu a promoçom do uso e o ensino voluntário

Apesar disto, o socialismo asturiano assumiu a proteçom da língua e o movimento de reivindicaçom linguística continuou a mostrar a sua capacidade de influência. Assim, das cinzas de Conceyu Bable surgiu a Xunta pola Defensa de la Llingua Asturiana, que em 1988 convocou a primeira manifestaçom pola oficialidade, umha convocatória que desde aquela se vem repetindo a cada primeira sexta-feira de maio, Día de les Lletres Asturianes. Todo isso apesar da influência que tivo na década de oitenta a associaçom Amigos de los Bables, grupo de pressom encabeçado por prestigiosos professores universitários que negárom

a unidade da língua e que se autoproclamárom como única autoridade filológica das Astúrias.

A autonomia seguiu adiante e em 1991, o Partíu Asturianista (PAS) entrou na Xunta Xeneral, o parlamento autonómico, e na seguinte legislatura foi fundamental para dar-lhe estabilidade ao Governo do popular Sergio Marqués. No meio de todo este processo iniciou a reforma do Estatuto com fortes mobilizaçons na rua em favor da oficialidade. Além disso, muitos concelhos, encabeçados por Bimenes, começárom a declarar este marco legal dentro do seu território. Por outro lado, após ver que o PAS lhes podia comer o terreno, IU assumiu a defesa da oficialidade. Mesmo Francisco Álvarez-Cascos, naquele momento mao direita de José María Aznar, chegou a propor umha oficialidade em diferido, mas o PSOE dixo que nom.

Como resposta à mobilizaçom foi aprovada a Lei de Uso do Asturiano, que reconhece o direito da cidadania a se dirigir à Administraçom na sua língua, mas as circunstâncias políticas figérom com que o PAS saísse do Parlamento em 1999, momento em que chegou à presidência com maioria absoluta o socialista Vicente Álvarez Areces. Um líder que declarou em 2004 que as Astúrias tinham que procurar elementos de integraçom e nom de diferenciaçom, porque "tinham suficientes elementos de identidade como para nom tratar de reforçar o que nos separa dos demais". Por enquanto, IU renunciou à oficialidade para dar estabilidade aos sucessivos governos socialistas.

Por outro lado, em Madrid, o executivo de José Luis Rodríguez Zapatero começou como resposta às reclamaçons catalanas umha denominada e frustrada 'Segunda Transiçom' que deu motivo à reforma de muitos estatutos de autonomia. O asturianismo voltou à rua, mas a pouca ênfase dos políticos asturianos no autogoverno -Areces chegou a declarar que a reforma do Estatuto nom formularia "questons irracionais"- e a crise económica freárom a reforma. O segundo 'nom' à oficialidade gerou um mal-estar no movimento asturianista enquanto a situaçom económica levava por diante editoriais, livrarias, festivais musicais e o semanário *Les Noticies*, único meio impresso em asturiano. Já nom havia montras em que se mostrar e começou a se falar no fim da época iniciada quatro décadas antes por Conceyu Bable.

Como resposta às mobilizaçons na década de noventa foi aprovada a Lei de Uso do Asturiano, que reconhece o direito da cidadania a se dirigir à Administraçom na sua língua

O fim da Transiçom nas Astúrias?

A crise gerou o fim do bipartidismo e nas Astúrias tivo a sua primeira evidência com o aparecimento de Foro Asturias. O partido liderado por Francisco Álvarez-Cascos -que posteriormente recolheria a oficialidade no seu programa eleitoral- chegou à política com um discurso cheio de referências asturianistas e foi a principal mostra da recomposiçom em chave asturiana do sistema de partidos. Um movimento que prosseguiu em 2014 com Podemos, que foi guarda-chuva para muitos asturianistas de esquerdas. A cultura asturiana ficou assim homologada politicamente à de qualquer país europeu, com umha formaçom socialdemocrata e outra conservadora.

Após as eleições de 2015 na Junta Geral sentárom 17 deputados que levavam no seu programa a oficialidade (Podemos, IU e Foro). A FSA tivo que repensar muitas cousas e o governo presidido por Javier Fernández -que posteriormente seria presidente da

gestora do PSOE- nomeou Genaro Alonso, membro da Academia de la Llingua, conselheiro de Educaçom e Cultura. Umha clara mostra de que a FSA tinha que responder a umha necessidade eleitoral, e quiçá interna.

A legislatura prosseguiu entre os ataques do PP perante qualquer avanço na normalizaçom social da língua. E é que os conservadores vírom neste tema um possível nicho de mercado que, ademais, lhes dava repercussom nos meios. Por outro lado, a partir de 2017 multitude de concelhos asturianos governados pola esquerda -PSOE incluído- aprovárom moçons em favor da oficialidade. Todo isso dentro da campanha 'Conceyos pola oficialidá', impulsionada pola Xunta pola Defensa de la Llingua. A principal associaçom asturianista também apresentou o 'Proyectu 2018', umha iniciativa que procura umha reforma rápida do Estatuto. À apresentaçom do 'Proyectu 2018' em Gijom foram, entre outros, o reitor da Universidade de Oviedo, Santiago García Granda, e a presidenta da câmara municipal da cidade, Carmen Moriyón (Foro Asturias), que previsivelmente em setembro se converterá na líder do partido.

> Em 2017, na campanha 'Conceyos pola oficialidá' pola Xunta pola Defensa de la Llingua, multitude de concelhos asturianos governados pola esquerda -PSOE incluído- aprovárom moçons em favor da oficialidade

Por outro lado, em outubro do 2017, após vários movimentos internos, o XXXII Congresso da FSA aprovou incluir a reivindicaçom da oficialidade dentro do seu ideário. Foi um momento histórico para o asturianismo e o maior exemplo da mudança geracional de umha FSA dividida por esta questom entre a 'velha FSA' -Governo asturiano e grupo parlamentar-, contrário ao discurso identitário, e a 'nova FSA', encabeçada por Adrián Barbón, afim a Pedro Sánchez e que conta com a aceitaçom da militância. Barbón parece ter assumido o discurso e comprometeu-se a abordar umha oficialidade "amável" na próxima legislatura.

O movimento de revindicaçom é consciente do que significa esta mudança e saiu à rua com mais força do que nunca. Assim, o dia 21 de abril deste ano, 30.000 pessoas respondérom ao chamado da Xunta pola Defensa de la Llingua. Foi a maior manifestaçom da história e enquanto a faixa principal chegava à Praça da Catedral os últimos grupos ainda saíam da ovetense Estaçom do Norte, ponto de início da marcha. Como novidade, pola primeira vez desde 1976, umha representaçom oficial da FSA participou na mobilizaçom.

A manifestaçom foi capa em todos os periódicos asturianos e muitos meios de fora das Astúrias se figêrom eco da notícia. Mesmo muitas televisons afins à direita aproveitárom o apoio do PSOE asturiano à marcha para criticar, no meio do conflito catalám, a permissividade do 'sanchismo' com os nacionalismos periféricos. E é que atualmente só se oponhem à oficialidade as forças da direita mais reacionária, que utilizam o conflito catalám para alertar do que poderia passar nas Astúrias de se declarar a oficialidade.

Está por ver como o fogo amigo gerado polo *procés*, a chegada de Pedro Sánchez ao Governo espanhol e a crise do PP após a sentença da 'Gürtel' influem na questom linguística asturiana. Apesar de todo, o atual presidente espanhol declarou meses antes da moçom de censura o seu apoio à decisom da FSA de se somar à reivindicaçom da oficialidade e as palavras de Adriana Lastra parecem incidir nessa posiçom. Fica menos dum ano para as próximas eleiçons autonómicas e também para saber qual vai ser a soluçom a um assunto pendente desde o início da Transiçom, mas isso, na atual conjuntura política espanhola e apesar das quatro décadas de reivindicaçom continuada, parece um mundo.

Damián Barreiro é jornalista.

imagem corporativa
design web e editorial
impressom de livros e revistas
grande e pequeno formato
www.sacauntos.com

o bom viver

país / CEIP O Paraixal / **22**

sexualidade/ Educar no prazer / **26**

cultura / Revitalizar o rural / **28**

As revoluçons em verso

O ativismo linguistico encontrou na modernizaçom da tradiçom oral galega um campo fértil em que trabalhar. Em poucos anos, fôrom criados diversos projetos envolvidos arredor da regueifa, como os grupos de crianças da Semente ou os de mulheres de regueifa feminista. A própria caraterizaçom improvisada e *nom prevista* da regueifa, assim como a sua escassa institucionalizaçom, contribuem a fazer parte da introduçom de repertórios em volta de diferentes reivindicaçons políticas através dos versos do repente. Abre-se um caminho para que a mudança seja cantada em que cumpre reparar. Podemos falar de poesia para o político? página **24**

laura berger

Rute Palhares
da AMPA
do CEIP O Paraixal,
em Vigo

zélia garcia

“Fazemos um trabalho em comunidade, todas cedemos para ganhar em comum”

zélia garcia

Junto ao monte da Buraquinha, no bairro de Teis, resiste às ameaças de fechamento um projeto pedagógico educativo único na cidade de Vigo. É o Colégio Público de Educaçom Infantil O Paraixal, com menos de 50 crianças, de educaçom infantil e primária. Para conhecermos mais de perto esta experiência, falamos com Rute Palhares, da AMPA deste centro, reintegracionista e ativista na defensa da educaçom em galego para as suas crianças.

Que diferencia o vosso colégio e o seu projeto educativo doutros?

Tem três alicerces fundamentais o projeto educativo: a língua galega, a cultura galega e a sua promoçom, a educaçom em igualdade real, com professorado formando-se em galego e com muitíssima inquedança, e a questom ambiental, onde colabora connosco a comunidade de montes de Teis. Temos um viveiro florestal com a comunidade de Montes. Temos umha hortinha, onde avôs e avoas colaboram com o professorado para que as crianças trabalhem coletivamente nesta horta.

Como chega ao Paraixal esta renovaçom pedagógica?

Deu-se umha mudança na direçom do centro, com um diretor com outras inquedanças, e ao mesmo tempo há um professorado muito sensível ao tema linguístico. Havia professorado interino, mas isso mudou e som professorado com vaga definitiva e que apostam neste projeto. Entre todos chegárom e construímos este projeto com o próprio ativismo também das famílias. Anxo Blas, cantautor e professor de música, é também umha figura muito importante neste coletivo. É gente nova com muita vontade de fazer por esse lado.

Como é a colaboraçom e o trabalho em comum com as famílias?

Fazemos um trabalho em comunidade, em que todas cedemos para ganhar em comum, entre todas somamos e contribuímos. Nom é doado que isto aconteça, mas neste cole se vive isto. Somos poucas: 35 famílias, da zona de Teis e outras famílias com certa sensibilidade que chegamos ali. Procuramos edu-

"Os três alicerces do projeto educativo som a língua e cultura galegas, a educaçom em igualdade real e a questom medioambiental"

zélia garcia

caçom pública, e o melhor para as nossas crianças, reunimo-nos, falamos e gente com interesses e ideologias mui diversas somam.

Este ano modificamos umha sala de aulas graças ao o trabalho colaborativo das famílias, mudárom-se paredes, que se pintárom, substituiu-se o chao por um de madeira, jogos novos. Todo o mundo deu o seu tempo, meios económicos e materiais.

Que outros eixos diferenciadores estám presentes?

É umha escola em que também se trabalha muito o tema da laicidade. Nom há figuras religiosas dentro das aulas. Existe a matéria de religiom, e assiste quem quer, mas fora deste horário nom há atividade religiosa. Nom vam os Reis Magos, nom se fam atividades deste tipo. As famílias que som religiosas entendem que é a liberdade delas mas nom se pode impor ao resto das famílias.

Aposta-se também pola avaliaçom contínua e sem livros de texto?

Este ano nom houvo livros na unidade educativa de Infantil de 3 a 6 anos. Está claro que é um absurdo que as famílias tenhamos que pagar 200 euros nuns livros que som fichas para colorir. Este ano também em 1º e 2º se deu o passo de que nom houvesse livros de texto. O objetivo é que o próximo ano tampouco os tenham em 3º e 4º, e ver a adaptaçom de 5º e 6º. Trabalha-se na relaxaçom, meditaçom e motivaçom das crianças nas aulas. Existe umha avaliaçom mas sem que as crianças tenham exames ao modo tradicional.

Nom gerou conflito a aposta pola educaçom em igualdade? Como surge esta necessidade?

Numha reuniom da AMPA houvo pais que explicitárom que havia muitas cousas polas que luitar, e "o do género já vira depois". E um grupo de nais afirmamos a necessidade da transversalidade desta questom na educaçom, e levamo-lo ao Consellho Escolar, já que pensamos em fazer umhas jornadas para trabalhar este tema. Tivo muito êxito e fôrom 100 famílias da escola e de fora. Pola manhá tivemos formaçom ao professorado e as crianças por separado, e pola tarde figérom-se obradoiros participativos para as famílias e as crianças, também por separado, e logo houvo um convívio e posta em comum da jornada. Foi maravilhoso e a gente nom marchava dali. Repetimos ao ano seguinte, com formaçom específica para o professorado sobre língua inclusiva, e também obradoiros para família. E houvo já umha terceira ediçom, de ecofeminismo e decrescimento. Agora temos muitas nais feministas que antes nom o eram. Realiza-se ademais com a ideia de que se estenda a outros colégios.

"Este ano nom houvo livros em Infantil de 3 a 6 anos. É absurdo que tenhamos que pagar 200 euros nuns livros que som fichas para colorear"

Numha cidade como Vigo e com os entraves que pom a Junta parece difícil que se garanta um ensino público e em galego no ensino primário. É possível nesta escola?

Estamos em Teis, na subida à Madroa, é mais rural, e os avôs e avoas falam galego. A situaçom socioeconómica é media-baixa, polo que nom é o mesmo que o centro com umhas aspiraçons diferentes. Temos a escola Semente de Vigo mui perto. Nós chegamos falando em galego, e também as nossas crianças, e nom o perdêrom. Ainda que a maioria das famílias som castelhano-falantes utilizam o galego na escola e nom há beligerância. Penso que há um trabalho por detrás mui importante do professorado, porque se respeita e valoriza a língua desde as aulas e o pátio, utilizando o galego. O professorado o que di é que umha criança galego falante é competente em galego e castelhano, mas umha criança castelhano falante remata a escola sendo incompetente em galego.

Para nós como família o público é fundamental. Para mim a nível particular tem mais riqueza partilhar um espaço tam diverso e mesmo para as nossas crianças. O facto de que as famílias de fora e as de aqui que empregam habitualmente o castelhano, falemos nas reunions do colégio em galego e que falemos da importância da falar esta língua, fai que se abram debates em positivo, que nos aportam a todas. Estando convencidas de que as nossas crianças tenhem que aprender galego, tenhem que o falar e sentir-se em liberdade e orgulhosas da sua língua e da sua cultura, ao mesmo tempo também temos que entender que há outra gente que o vê diferente. Temos que aprender a conviver e integrar distintas ideias.

A caraterizaçom da regueifa contribui à existência dum campo de possíveis do qual o movimento social galego lança a mao para produzir discursos com reivindicaçons políticas

TRADIÇOM ORAL /

Poesia para o político. Possibilidades e funçons da regueifa

xian naia s.

Há algum tempo que o movimento social vinculado ao ativismo linguístico na Galiza reparou em que a modernizaçom da tradiçom oral era um caminho fértil que estava ainda sem explorar. Assim, é bem analisarmos as funçons da poesia oral dentro dos *novos* movimentos sociais, numha construçom oposta à da normalizaçom cultural, proposta polas instituiçons, que submete a cultura emergente, frágil, precária, a umha inerente *anormalidade* da qual resulta difícil desprender-nos. Construirmos portanto umha cultura *do poético* nom política, mas para o político, que tenha em conta, por um lado, o(s) conflito(s) como inerentes de qualquer acontecimento social e, por outro lado, com umha ideia da poesia, e das artes em geral, afastada da pomposidade e da academia, como *ferramenta ativa* (Even-Zohar, 2005) que contribua para a experimentaçom de novas formas de consumo (nom apenas literário), de partilha de ideias e de experiências de participaçom coletiva.

Hoje contamos com diversos projetos envolvidos arredor da regueifa que, em bem poucos anos, conseguiram atingir diferentes grupos que vam de crianças da Semente que aprendem a improvisar brincando, grupos de mulheres de *regueifa feminista* que elaboram materiais e acumulam experiências de diferentes encontros[1] no caminho do empoderamento ou obradoiros em liceus e municípios interessados na proposta de utilizarmos a tradiçom oral para fazermos possíveis as ideias hoje. Cantarmos a mudança e construirmos as revoluçons em verso.

Referentes e disponibilidades

A literatura de tradiçom oral, desta volta com o centro de interesse na improvisaçom em verso, tinha ademais referentes de relativo sucesso mobilizador no País Basco ligados ao movimento abertzale. É o caso do bertsolarismo, que conta com um histórico viçoso e que atualmente reúne milhares de pessoas nos campeonatos nacionais celebrados cada quatro anos, ocupando posiçons centrais no sistema cultural basco com agentes de referência nas esferas cultural e política, para além de conseguir aglutinar hoje sensibilidades e reivindicaçons de diferente tipo.

A improvisaçom em galego também contava com umha, sempre relativa, mas evidente *disponibilidade*[2]. Esta disponibilidade (Even-Zohar, 2005) responde ao facto de encontrarmos algumhas opçons no campo cultural galego que facilitam a incorporaçom e consolidaçom de práticas performativas e de repertórios antagonistas, se calhar com maior elasticidade do que no caso basco do bertsolarismo devido à escassa institucionalizaçom e *nom-profissionalizaçom* do nosso movimento. Está patente ademais no que é referido à conservaçom e reconhecimento da própria improvisaçom na tradiçom cultural e literária galega, hoje materializada na *regueifa* sendo a improvisaçom oral em verso (tradicional) mais estendida.

Oralidade e resistência cultural

Esta *disponibilidade* permite ao movimento social em volta da regueifa fazer *reinscriçons* da mesma, num sentido similar ao proposto por Edward Said (2004) em contextos pós-coloniais. Assim, umha apropriaçom e umha releitura em chave subversiva que parta dos movimentos submetidos para a construçom dumha *resistência cultural*.

É a própria caraterizaçom da regueifa como prática performativa improvisada, como acontecimento *nom previsto*, a que contribui para a existência dum *campo de possíveis* do qual o movimento social galego lança a mao, para produzir discursos em relaçom com as diferentes reivindicaçons políticas: de género, ecologistas, linguísticas, territoriais, etc. Eis a poesia como ferramenta ativa e para a açom social.

Deveríamos pensar a regueifa como modo de relaçom e como a construçom doutros modos autónomos possíveis. Pensar as poéticas com compromisso como 'ninhos de autonomía'

Nova regueifa: Novos cenários e modos de fazer

Podemos (e de facto interessa-nos) pensar a *nova regueifa* como umha manifestaçom relativamente autónoma que introduzimos dentro do espectro amplo que Arturo Casas (2015) tem denominado como *nom lírico*, com resistências à tipologizaçom e estatismo da academia e a crítica, dificilmente catalogável (apenas) dentro do artístico, o qual quebra em muitos casos com os esquemas de reconhecimento e construçom de prestígios dos círculos centrais do sistema cultural hegemónico. Também, claro, é evidente que nom pode ser apenas catalogável e reduzível para umha sorte de ativismo político mais clássico, o que por outra parte é a cada vez menos comum na etapa pós-modernista, onde a cultura foi (só) aparentemente reconhecida e redistribuída, é consensual e está implícita, em maior ou menor grau, em qualquer manifestaçom que se situe no espaço público.

Há tempo que muitos dos projetos de base, nom institucionalizados, precários, nom profissionalizados, (os mais) resistentes, etc., venhem cedendo um espaço amplo (se nom central) e umha série de funçons representativas a materiais e símbolos que até há alguns anos estavam restritos para círculos hegemónicos, menos politizados, normalizadores e afastados de estratégias de *conflito*. Assim a (aparente) conjuntura entre o *político* e o campo das artes e da cultura, originou novos e interessantes materiais, experiências e *modos de fazer*[3] para os movimentos sociais. Cabe perguntar-se se existe ou estamos legitimadas para referir-nos a algumha manifestaçom concreta como arte para o político. Se podemos dizer que o artístico, o poético, pode ser político e vice-versa.

Podemos tirar algum tipo de conclusom provisória a partir das observaçons práticas dos processos. Por um lado, seria bem definir quais os interesses, funçons, eficácias possíveis, que existem da perspetiva dos movimentos sociais que se nutrem desta prática. Em segundo lugar, e nom obviando o caráter do artístico, deveríamos responder a quais os interesses de introduzir alguns dos *habitus*, práticas, desse campo e se existe transferência, entendimento, reconhecimento, do político para o artístico. Por último, pensar a regueifa como modo de relaçom e como a construçom doutros modos autónomos possíveis. Pensar as poéticas comprometidas como *ninhos de autonomia.*

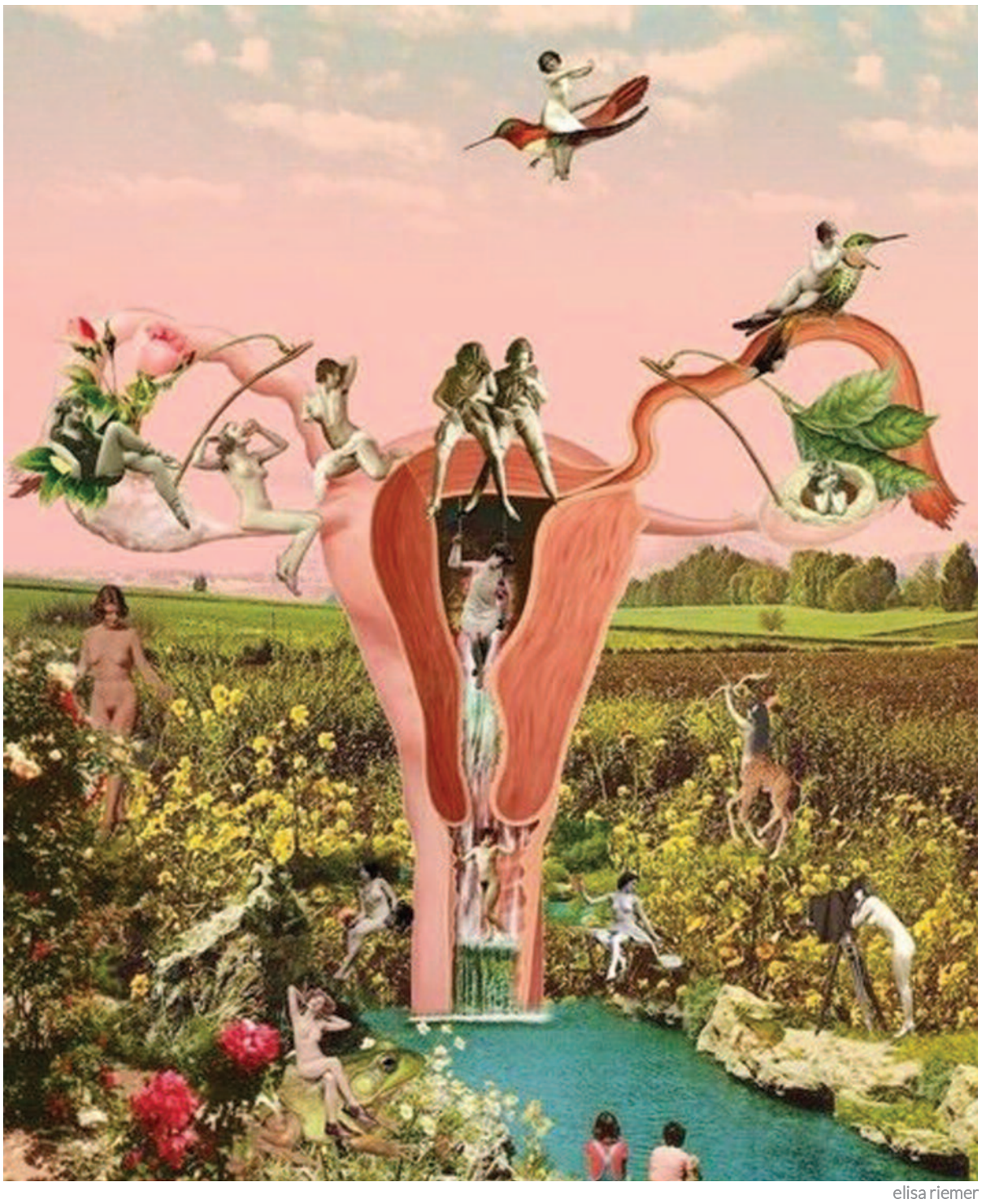
Quanto de eficaz é a poesia, a regueifa, para a mobilizaçom dum despejo ou umha manife e como se mede?

1. É o caso dos *Encontros de Mulheres Repentistas da Galiza* promovidos polo coletivo Regueifesta.
2. Isaac Lourido apontou algumhas destas questons em: Lourido, I. (2015), "Marginalidad social y antagonismo político en la poesía de Patricia Heras", in Cid, A.; Lourido, I. (eds.), *La poesía actual en el espacio público*, Bruselas, Éditions Orbis Tertius, p. 219-236.
3. Claramonte, J. (2001), *Modos de hacer : arte crítico, esfera pública y acción directa*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

EDUCAÇOM SEXUAL /

Falando do prazer, falamos de crescer

jeane costa
j.costa@sexologiatlantica.com



elisa riemer

"O prazer é algo autônomo, é a capacidade que temos as pessoas de gozar, porque o nosso corpo é sensível. O prazer não o dá ninguém (...) a capacidade do prazer depende da disponibilidade pessoal mais que o virtuosismo alheio"

Fina Sanz

A aula de 4º da E.S.O, uma sala de aula grande, com bastante luz e muita vontade de falar e compartir sobre a sexualidade. Somos 32 pessoas. No início, a vergonha estava em muitas caras, nos sorrisos tímidos ou nos comentários baixinhos com curiosidade, vários olhos me observam ansiosos de saber o que a "Profe de Sexualidade" vem contar.

A surpresa é grande quando vêem que eu não vou contar nada, o que vou é perguntar, e as perguntas que estão no ar durante todas as aulas que estamos juntos, são: para você o prazer? Como o sente? De que forma reage o teu corpo?

Durante seis semanas estivemos escutando, observando, perguntando, reflexionando sobre os temas mais importantes para a vivência prazenteira do universo da sexualidade. Compartindo, chegamos ao ponto central de toda a galáxia erótica:

O Prazer.

Se falamos e não experimentamos, a aprendizagem, a perceção teórica dos temas abordados fazem morada na mente sem caminhar pela linha de estrelas que são as emoções. Para caminhar, primeiro é necessário saber como está o corpo, como é, de que maneira sente, vive e se expressa...

Ao propor uma atividade de perceção corporal ao grupo, fechar os olhos, e simplesmente com os dedos conhecer-se desde o bom trato, a cabeça, os olhos, as pálpebras, bochechas, boca, orelha, pouco a pouco, desde o carinho, desde o quarto próprio que falava Virginia Wolf, na sala, no espaço de autoconhecimento construído desde cada pessoa.

Observamos as caras de surpresa, alegria, bem estar ao terminar a atividade. Curiosamente, alguém que era apático durante as aulas presenteia o grupo com um sorriso grande de satisfação e comenta: gostei muito.

Ao fazer as avaliações qualitativas do tempo que estivemos juntos, a maioria como a atividade que

Se falamos e não experimentamos, a percepção teórica dos temas abordados fazem morada na mente sem caminhar pelas emoções

Se o prazer individual serve como porta para a construção do desfrute com outras pessoas, abrimos um espaço de relação onde o bom trato é o centro dos encontros eróticos

catarina bessell

mais gostou e desfrutou. Auto-conhecer-se gera prazer. O simples prazer de saber como cada pessoa sente. O prazer que não reside em simplesmente passar a mão, reside no toque.

O prazer como centro da Educação Sexual é primordial para abordar todos os outros aspetos. Se falamos do prazer como fio condutor da nossa erótica e práticas amatórias, se o introduzimos através do auto-conhecimento, falamos transversalmente de orientações do desejo, falamos de diversidade de corpos, de diversidade de sensações, falamos de consentimento, falamos de desfrutar, falamos do respeito pessoal, relacional e social.

Atualmente assistimos um debate político não, este debate tem o objetivo de regular juridicamente os limites que cada pessoa deveria saber, se o prazer fosse o eixo das relações, se realmente a educação sexual fosse metodologicamente baseada em facilitar ferramentas para identificar e viver o prazer, creio que não estaríamos debatendo sobre isto, já que nos relacionamos por prazer.

Se o prazer individual serve como porta para a construção do desfrute com outras pessoas, abrimos outro espaço de relação, onde o bom trato é o centro dos encontros eróticos.

Como pode ser que vivemos em uma sociedade onde a violência e a falta de simpatia e empatia erótica estão mais valorizadas que o prazer? Se pensamos friamente, se temos que perguntar se a outra pessoa quer estar comigo é que muitas sinais de que não tem vontade, já foram dados, simplesmente não o quisemos ver.

Imprescindível é ver que o prazer é o motor que gera vínculos, que possibilita que os sexos (que se faz, que se é e que se sente) se comuniquem e se conectem com as outras pessoas desde a alegria e a felicidade. Se percebemos o prazer no corpo da outra pessoa, nos seus olhos, na sua forma de tocar, de respirar, ampliamos o nosso mapa erótico e amatório, criamos pontes de intimidade sem exigir, sem esperar, sem estar pendente do que dirá e sim do que podemos criar gozando. Recebemos e damos a través da diversão, da curiosidade, da sensação de conexão. Deste modo, favorecemos espaços bidirecionais nas estradas do jogo erótico e o desfrute.

Valorizando o prazer, fomentamos o bom trato, incidimos no estar bem para sentir mais e melhor, para desfrutar e favorecer espaços de crescimento

O prazer não etiqueta, não discrimina, não distingue de raças, cores de pele, idiomas, territórios. O prazer não é amigo das fobias. Podemos identificar um sorriso de alegria perfeitamente no rosto de uma pessoa feliz; e porque temos vergonha de identificar o prazer no nosso corpo? Porque temos receio de pedir, de comunicar de que maneira sentimos prazer?

Valorizando o prazer, fomentamos o bom trato, incidimos no bom, no positivo, no estar bem para sentir mais e melhor, para desfrutar e favorecer espaços de empoderamento e crescimento. E talvez através desde este paradigma seremos capazes de debater política, jurídica e socialmente como viver e educar para que todxs possamos atender, cuidar, conhecer e desfrutar, sem tantos "contratos" e sim com mais contacto.

O prazer é o espaço ideal para expressar os desejos.

Ao finalizar o trabalho nas aulas, terminamos nos conhecendo e conhecendo uns aos outrxs a través do desfrute. Proponho ao grupo a mesma atividade com um companheirx. Primeiro cada pessoa se pergunta a si mesma se fazer a atividade, o meu prazer é o centro. Falamos que quando acariciamos, transmitimos energia e quando somos acariciadxs também.

A proposta gera olhadas tímidas mais decididas, já provamos a satisfação de sentir cada umx a si mesmx, já sabemos que é gostoso e, já não há medo.

Abrimos a porta ao prazer de ser.

Vanesa Castro
Investigadora

iñaki lópez

"As pessoas da cultura tenhem um papel chave na revitalizaçom do rural"

ana viqueira
anaviqueira@novas.gal

De mala na mao, Vanesa Castro chegou à cidade portuguesa de Montemor-o-Novo, no Alentejo, com um objetivo claro. Queria analisar as claves e estratégias de intervençom artística e cultural no rural do que Montemor se convertera em exemplo. Através dos estudos que realizou entre outubro de 2017 e abril de 2018, Castro foi enchendo de experiências e conhecimentos essa mala que abre perante nós.

A tua investigaçom centra-se no ecossistema cultural de Montemor-o-Novo. Mas, um ecossistema cultural, é o quê?

Um ecossistema cultural é aquele que formam todas as pessoas ou organismos vivos, como entidades associativas ou administraçons, e que desenvolvem a cultura dum território.

Entendo a cultura na linha de ColaBoraBora, como fazedora de coesom social e criadora de comunidades, como fator de desenvolvimento económico e de renovaçom dos sistemas tecno-científicos e produtivos, e como via para a geraçom de novas subjetividades e espaços simbólicos a partir dos quais imaginar coletivamente o futuro.

Há um ecossistema cultural a funcionar em cada lugar, por vezes, parece com que esteja a dormir, por vezes só sente quando há festa, às vezes quando ocorre algo que nom estávamos à espera, mas sempre está aí. O primeiro que temos que fazer é observá-lo, ver quais som as suas características, observar os ciclos, que agentes estám em ativo e o que estám a fazer.

"Há um ecossistema cultural a funcionar em cada lugar, por vezes, parece com que esteja a dormir, por vezes só sente quando há festa, mas lá está sempre"

Qual era o objetivo da investigaçom em Montemor-o-Novo?

Analisar, investigar e avaliar o ecossistema cultural e criativo de Montemor-o-Novo para poder aplicar as mesmas chaves e estratégias à Galiza. A investigaçom dava-me a possibilidade de ter umha visom panorâmica das distintas estratégias de intervençom artística e cultural no rural, das suas necessidades e possibilidades.

Nos ecossistemas culturais, muitas vezes, há pessoas ou pequenos organismos que som fundamentais para o desenvolvimento, inovaçom, coesom e regeneraçom do conjunto e da comunidade e, no entanto, elas passam despercebidas. Analisei o papel que jogam as várias agentes desta vila na comunidade.

Por que é que escolhes esta vila? Já a conhecias de antes?

Escolhim-na porque a conheço, e sei que Montemor-o-Novo é uma referência de boas práticas culturais. O ponto de partida da investigaçom som as Oficinas do Convento, umha associaçom cultural e centro Unesco. No 2006 tivem umha Bolsa Leonardo nas Oficinas do Convento. Assim que ademais de viver e trabalhar durante 6 meses ali, sempre continuei a colaborar com a comunidade em diversos projetos.

Ao longo de todos estes anos, conhecim um ecossistema rico, formado por umha rede de pessoas e pequenas iniciativas interrelacionadas, conectadas ao tecido social, que passam por ali e interagem com o ecossistema, ou que ficam a viver e fundam umha família. Vim parte do processo deste ecossistema, conhecim as origens dele, e fum conhecendo os agentes e os organismos do passado, do presente e provavelmente do futuro.

Que sentiste a primeira vez em Montemor?

No primeiro dia, mal cheguei, incerteza, até porque nom sabia o que iria encontrar. Depois sentim

muita proximidade. Foi quando cheguei ao claustro das Oficinas do Convento pola primeira vez, que um rapaz me ofereceu umha laranja ali chamada de Doce de Espanha.

Atopei umha rede de pessoas a viverem e trabalharem numha vila alentejana e que estavam mui envolvidas em projetos comuns.

Essas sensaçons segues a tê-las quando vais a Montemor a dia de hoje ou a experiência e o conhecimento da vila mudárom-nas?

Sim, continuo a tê-las. Agora a rede medrou e há cada vez mais vida e o ecossistema é mais rico. Há mais profissionalizaçom no ambiente associativo, mais projetos, mais coesom, e mais pessoas a ficarem que tinham vindo a trabalhar a Montemor.

Dás-lhe especial importância às emoçons na tua investigaçom escrevendo um diário no que recolhes a parte mais pessoal da investigaçom. Por que é importante a experiência emocional para descobrir um ecossistema cultural?

Queria transladar os resultados do projeto de investigaçom. Mas nom queria apresentar estes resultados como sendo mais um estudo com estatísticas, percentagens ou um glossário ou mapeamento de entidades associativas ou eventos culturais.

Resolvim publicar o meu diário de investigaçom porque queria era transmitir as pequenas conexons, as anedotas e os matizes que acabam por ser chaves no desenvolvimento do ecossistema. Queria poder falar do que se passa despercibido aos estudos analíticos, como a vida dumhas mesas de madeira do Concelho que surgem em diferentes atividades e espaços da vila e que servem para melhor compreender essa interrelaçom.

Queria achegar-me um pouco do pessoal, das vidas das pessoas ativas que funcionam enquanto agentes interrelacionais. Falar no intangível, de emoçons, de odores, de momentos.

Trazes contigo algumha vivência especial que gostavas mesmo de partilhar?

Trago imensas. Conto umha que tem a ver com a primeira vez que fum viver a Montemor.

No contexto da bolsa Leonardo, um dos primeiros trabalhos que fiz foi colaborar e trabalhar no Festival Ananil, que decorria num espaço junto ao rio e ao moinho de Ananil, em estado meio ruinoso. E que tratava de reativar esse espaço.

Entre outras tarefas, como a documentaçom do festival, fiz guarda no moinho, dormi ali, pois havia muito material que controlar. Portanto, durante os dias prévios instalei-me no moinho, juntamente com mais duas pessoas. Pessoas mui distintas, de disciplinas diversas a trabalharmos voluntariamente em tornar possível esse festival. Alugámos umha tenda de circo para se instalar num prado e nom conseguíamos instalá-la, fomos, entre todos, descendo para deixarmos para trás o desnível e instalá-la outro prado. Tenho imensas lembranças especiais associadas a esses dias. Sempre gostei imenso de trabalhar na produçom e montagem de ventos, adorei esses dias prévios.

Já a recolher o festival, fizemos tipo umha torre humana improvisada como se fôssemos castellers. E tiramos fotos. Essa imagem, resume o espírito do que ali estávamos a fazer.

tiago fróis

"Ainda que repliques as estratégias doutro ecossistema nom tés assegurado o sucesso. Há um fator chave: as pessoas e as suas vidas"

Logo existe umha parte mais técnica relacionada com chaves para dinamizar os ecossistemas culturais. O que deveria fazer um concelho a esse respeito?

O mais básico seria observar e conhecer o estado do ecossistema cultural, detetando os organismos e agentes em ativo para trabalhar com eles e fomentar umha cultura participativa, onde as pessoas sejam proativas.

Um colega sempre di que na época dos avós as festas eram proativas, se querias música, era só cantar ou tocar, e todas cantavam e quase todas, ao jeito delas e como podiam. E depois, a partir deste jeito de fazê-lo vinham os estilos e os manierismos que hoje vemos como sendo tradiçom e património.

E o movimento associativo?

Fundar ou refundar a associaçom, refazer e repensar os estatutos. Fazer grupos de trabalho.

Ativar processos. Provocar entradas e saídas. Pedir apoios, financeiros e operacionais, e colaborar com outras entidades.

É assim no caso de Montemor?

Sim, é assim. Também ficam cousas por fazer. Por exemplo, a expansom às aldeais.

Atualmente há programaçom sociocultural nas freguesias, e a Câmara dá prioridade a este tipo de projetos. Mas faz falta mais contágio para as aldeias e espaços mais despovoados acabarem por participar.

"Ademais de termos em conta as peritas, devemos pensar no valor da desexpertizaçom das equipas. É fundamental para escapar à lógica capitalista"

Pode valer a experiência dum lugar para outro?

Nom se pode replicar ou copiar um ecossistema cultural, pois há fatores diferenciais que som determinantes em cada território. Mesmo que tenhas os mesmos equipamentos estruturais e repliques as estratégias doutro ecossistema nom tés assegurado o sucesso. Há um fator-chave: as pessoas e as suas vidas.

Contudo, tratei de identificar e atopar dispositivos, estratégias, impulsos, que possam ser usados e replicados, numha lógica de adaptaçom ao território.

Tés na cabeça alguns exemplos de coisas que se deveriam mudar na Galiza para melhorarmos a nossa gestom cultural?

A nível institucional poderiam-se mudar algumhas cousas que favoreceriam um rápido desenvolvimento dos ecossistemas culturais rurais.

Por exemplo, muitas vezes, nos concelhos rurais, os postos de técnica ou animadora sócio-cultural recaem sobre pessoas alheias ao território que acedem ao posto graças ao seu curriculum e vida laboral. Entretanto, no território, temos pessoas, vizinhas ativas, conhecedoras do património material e imaterial, que nom tenhem os méritos necessários para optarem a candidatarem-se a esses empregos.

Está bem que os concelhos tenham umha técnica em cultura qualificada, mas muitas vezes nom estám definidas as políticas culturais, o que provoca que as pessoas passem por estes postos e vam embora depois de assumirem umha inércia de política cultural ausente.

O que pode acontecer depois é que essas vizinhas ativas acabem por abandonar o lugar ou por trabalharem de qualquer outra cousa que nada tem a ver com esse conhecimento.

Perante esta situaçom, umha saída seria formar equipas mistas de pessoas peritas e vizinhas ou fazer atividades que impliquem diretamente as vizinhas ativas. Estamos num momento no que ademais de termos em conta as peritas, devemos pensar no valor da desexpertizaçom das equipas. É fundamental para escapar à lógica capitalista.

Por outro lado, o labor das técnicas e vereadoras da cultura nom deve limitar-se a programar, poderiam ser catalisadoras e coesionadoras, estarem mais atentas ao que sucede no Concelho. A clave seria programar pouco e tentar que sucedam muitas cousas.

Que há no horizonte do projeto?

Potenciar a vida nas aldeias e os ecossistemas, esse é o horizonte. É necessário avançarmos com projetos que recuperem a memória local e serem capaces de revalorizar o potencial criativo das comunidades que o habitam.

Temos que acreditar e criar a possibilidade de viver na aldeia e trabalhar nela além da pecuária ou da silvicultura. Cumpre revitalizar o nosso rural e as pessoas que trabalham com a cultura tenhem muito a fazer aí.

iñaki lópez

"Tentei falar com pessoas da política sobre meu trabalho, mas sem muito sucesso"

A tua investigaçom pode-se consultar no blog 'culturanorural.wordpress.com'. Divulgas de algumha outra forma este trabalho?

Estou a divulgar os resultados através da web e da participaçom em eventos, conversas ou mesas redondas. Vou ir a Montemor a apresentar os resultados das minhas pesquisas, penso que vai ser ótimo poder levar a visom externa do seu ecossistema.

Em setembro, convidáron-me a participar numha mesa redonda sobre cultura no rural organizada polo setor juvenil do SLG, em Chantada.

Tratei de ter algumha reuniom com pessoas da política galega para conversar sobre isto e poder partilhar algumhas das chaves das quais falo, mas nom tivem muito êxito.

No horizonte próximo e mais afastado do projeto está, continuar a desenvolver projetos sócio-culturais no rural, algo que fazemos desde RuralC e desde outros projetos nos que estou envolvida, como Fur Alle Falle ou montenoso.net.

Quero continuar a trabalhar a cultura desde a base, com as pessoas, colaborando com comunidades e envolvendo pessoas diversas em projetos.

Estou envolvida em vários projetos de memória viva que resultam bastante proativos e intergeracionais, como 'Historias de Minho' https://historiasdemino.wordpress.com/ ou 'Historias de Vilachá' que queremos fazer desde a associaçom RuralC este outono.

CENTROSOCIAIS

COMPOSTELA/
O PICHEL
Santa Clara
CASA DE SAR
Curros Enríquez

VIGO/
A COVA DOS RATOS
Romil
DISTRITO 09
Coia
FAISCA
Calvario
A REVOLTA DO BERBES
Rua Real
CSOA A QUINTA DA CARMINHA
Rua do Carme

OURENSE/
CSO A KASA NEGRA
Perdigom
A GALLEIRA
Praça Sam Cosme

PONTE AREIAS/
CSA O FRESCO
Bairro da Ponte

RIBEIRA/
CSA O FERVEDOIRO
Rua Mendes Nunes

LUGO/
ATENEO LIBERTARIO A ENGRANAXE
Rio Sil
CS MADIA LEVA
Serra dos Ancares
CS VAGALUME
Rua das Nóreas

A CORUNHA/
CS A COMUNA
Verea do Polvorim
CS GOMES GAIOSO
Marconi
ATENEO XOSÉ TARRÍO
La Paz

FERROL/
CS ARTÁBRIA
Trav. Batalhons
ATENEO FERROLAN
Magdalena

NAROM/
CS A REVOLTA DE TRASANCOS
Alcalde Quintanilla

A GUARDA/
O FUSCALHO
Frente a Atalaia

PONTE D'EUME/
LS DO COLECTIVO TERRA
Boa Vista
CSOA A CASA DA ESTACION
Avda. Ferrol

BURELA/
CS XEBRA
Leandro Curcuny

PONTE VEDRA/
LICEO MUTANTE
Rosalia de Castro

CANGAS/
A TIRADOURA
Reboredo

CASTROVERDE/
A CHAVES DAS NOCES
Sam Juliam de Pereiramá

SÁRRIA/
BURIL
Travessia da Rua Nova

O QUE FAZER?

FESTIVAL VERDOEJO ART ROCK. Este festival leva anos a juntar artistas das duas beiras do Minho. Neste ano, um dos seus objetivos é obter fundos para a reflorestaçom dos Baldios de Verdoejo, em Valença do Minho, e dos Montes Comunais de Sam Jurjo, em Salzeda de Caselas.
VERDOEJO, VALENÇA DO MINHO
DE SEXTA-FEIRA 27 A DOMINGO 29 DE JULHO

MOBILIZAÇOM ANTITOURADAS. Com a palavra de ordem 'Ponte Vedra sem sangue', a plataforma Touradas Fora de Ponte Vedra convoca a mobilizaçom anual contra a celebraçom de eventos taurinos nesta cidade, coincidindo com as Festas da Peregrina.
PRAÇA DA PEREGRINA, PONTE VEDRA
SÁBADO 11 DE AGOSTO, ÀS 20H

isto nom é um periódico

nas tuas maos tes umha ferramenta
feita com o trabalho de muitas pessoas que cada mês fam a sua achega à construçom dum meio próprio, que acompanhe a galiza que se move e abra fendas nas estreitas paredes do discurso dos poderes.

mas esse trabalho, do jornalístico à distribuiçom, move-se graças ao motor da nossa comunidade de leitoras. desde a aposta firme na independência informativa, as subscriçons som a garantia de mais e melhor informaçom crítica, mais e melhor novas da galiza.
por isso, está também na tua mao.

fai-no possível
em www.novas.gal/loja

Brais Morán
músico

héctor barandela

“Com o galego pode-se chegar mui longe”

alba moledo
conselho@novas.gal

Brais Morán vem de editar o seu segundo disco em solitário, 'No Mato do desespero', que é o resultado dumha longa carreira e dumha evoluçom tam constante como enriquecedora. África, Galiza e Brasil som os três lugares de referência dum trabalho com o que pretende abrir fronteiras.

Começache a tua andaina no ano 97. Som já mais de 20 anos de carreira musical. O que levas contigo deste tempo?

O que levo comigo é umha forma de vida absoluta. Para mim a música já é umha necessidade, um trabalho diário. Vivo a pensar em criar, em músicas, em sons, e o melhor de todos estes anos foi poder transmitir ao público o que ia criando.

'Cruzando o eclipse' foi o teu primeiro disco em solitário e agora sacas 'No Mato do desespero'. Como foi a transiçom entre um e outro trabalho?

O primeiro disco foi mais raivoso, queria-me diferenciar um bocado da minha etapa anterior e darme a conhecer como Brais Morán em solitário, assim que foi um disco que saiu bastante roqueiro. A vida pedia-me fazer esse tipo de disco, e foi um eclipse também de personalidade. ‘No Mato do desespero’ chega dous anos despois, e nele há umha clara homenagem a Narf. Também há um paralelismo muito grande com África e com o Brasil, que em certa medida já fazia junto com Loretta Martin, porque estivem misturado com o mundo lusófono e com a latinofonia. Sempre gostei de abrir fronteiras com o galego. A nossa é umha língua que se fala em Buenos Aires, na Suíça, em Montevideu, em Moçambique... Fala-se em tantos sítios e pode chegar tam longe!

Com certeza, a Galiza é umha constante nas tuas músicas. Qual é a mensagem que tentas mandar a respeito da terra?

Na Galiza, nestes últimos anos, há umha cousa muito boa e também umha outra bem precária. A boa é que a cada vez há mais projetos de música em galego, que usam a língua naturalmente. A parte precária é a industria. Vivemos num momento em que o público só vai aos festivais de verao e nom quer escuitar os projetos de aqui. Falta apoio industrial e, nesse sentido, a minha mensagem para a Galiza é abrir fronteiras da nossa terra, abrir-nos ao mundo, porque somos do mundo.

Neste ultimo trabalho contas muitas histórias formosas e outras que nom o som tanto. Qual seria a história que ficou atrás?

Afinal os músicos sempre estamos a falar do mesmo: da música, ou do momento em que está a profissom. Fica ainda muito para que o pessoal entenda o que significa, e há que acostumar o público a escuitar música nova e diferente, para além dos espetáculos de massas. Às vezes as redes sociais nom som proporcionais com o que se passa na realidade. Podes ser um autêntico fenómeno nas redes, ter umha cheia de visitas, mas se calhar num concerto tés duas pessoas. Falta que se saiba que a música é umha profissom, faltam legalidades. Essa seria umha boa história para contar.

Teto na praia

Charo Lopes

Soa o telefone. Atendo: “ei!” É o Teto: “como estás? mimá, que calor, nom? fago umha tortilha e passo buscar-te? Podemos ir passar o dia a Baronha!”. Rimos.

Seria ótimo ir para a praia. Mas ele nom vai desde 2011, desde que foi apresado, e vimo-lo sorrir, algemado, a despedir-se enquanto o levavam. Depois vimo-lo sorrir no juízo em Madrid, vacilando com isso de “nunca choveu que nom escampara”.

Agora está na prisom de Dueñas, e segundo o determinado polo tribunal da Audiência Nacional, nom escampará até finais de Agosto de 2025. Essa é a data em que remata umha condena política, sem reduçons, sem concesons, cumprida a pulso e fora do país. Teto foi encerrado pola sua militância independentista. Quem mais molestam o Reino de Espanha som as mais generosas e valentes, as que ultrapassam o medo e sabem olhar de frente, sorrir apesar de todo. As que defendem o comum e a alegria, frente aos muros e às legislaçons que protegem o capital e os seus usureiros.

O Teto nom se vitimiza, está preso porque quer praia e monte e vida digna e Galiza livre. Viver na nossa língua. Casas para todas. Organizar umha greve geral. Jogar torneios de futebol antirracista. Participar em assembleias populares e diversas. Teto quer dar aulas de eletricidade na universidade popular, fazer turnos no balcom da Revolta, andar de bicicleta. Umha biblioteca onde guardar todos os livros que nom lhe colhem na cela. Brindar com licor café.

Que nom tenhamos que esperar até 2025, que nom assumamos tolerar a infâmia. Cumpre puxarmos todas, cumprem estradas sem portagens, aldeias sem minas, escolas sem exames, ruas sem polícia, festas sem machistas, acessos para todas. Cumpre derrubar os muros, e urge, trazê-las para a casa.

A chamada sempre se corta antes dos cinco minutos.